

Fundamentos Básicos da Aprendizagem da Capoeira dos 5 aos 10 Anos de Idade: Implementação e Avaliação de um Projeto Formativo

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em
Desporto com especialização em Treino Desportivo

Nelson Andrade Rodrigues Barros

Orientadores

Professor Doutor David Paulo Ramalheira Catela

Professor Doutor Marco António Colaço Branco

Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Desporto de Rio Maior

*Fundamentos Básicos da Aprendizagem da Capoeira dos 5 aos 10 Anos de Idade:
Implementação e Avaliação de um Projeto Formativo*

Nelson Andrade Rodrigues Barros

Orientadores

Professor Doutor David Paulo Ramalheira Catela

Professor Doutor Marco António Colaço Branco

2018, outubro

Índice Geral

Índice de Tabelas	iii
Índice de Figuras	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento	2
2.1. Caracterização da Modalidade Capoeira.....	2
2.2. Origem Histórica da Capoeira	2
2.3. Função Original da Capoeira.....	2
2.4. Etiologia do termo “Capoeira”	3
2.5. A Música Capoeira	3
3. Revisão de Literatura.....	6
4. Problema	9
5. Objetivo Geral.....	9
6. Metodologia	10
6.1. Caracterização da Amostra	10
6.2. Programa de Intervenção	10
6.2.1. Proposições	10
6.2.2. Proposta de Conteúdos	11
6.3. Procedimentos	11
6.4. Protocolo	12
6.4.1. Ginga	12
6.4.2. Cocorinha	12
6.4.3. Martelo.....	13
6.4.4. Bênção	13
6.4.5. Aú	13

6.4.6. Godeme	13
6.4.7. Arpão de Giro:.....	13
6.4.8. Armada	14
6.4.9. Meia-lua de compasso	14
6.4.10. Meia-lua de frente	15
6.4.11. Negativa.....	15
6.4.12. Queixada	15
6.5. Variáveis	16
6.6. Desenho Experimental	16
6.7. Tratamento dos Dados	16
6.8. Tratamento Estatístico.....	17
7. Apresentação dos Resultados	18
7.1. Variáveis Fixas.....	18
7.2. Testagem do Programa.....	18
7.2.1. Componentes Críticas.....	19
7.2.2. Registos Anedóticos	19
7.3. Análise do movimento fundamental Ginga: Efeito da prática em pares	20
8. Discussão	24
9. Conclusões	27
10. Recomendações	27
11. Bibliografia	28
Anexos.....	I

Índice de Tabelas

TABELA 1. TÓPICOS ORIENTADORES NAS DIMENSÕES CULTURAL E MOTORA, PARA PROGRAMA DE APRENDIZAGEM BÁSICA EM CRIANÇAS DA CAPOEIRA.	11
TABELA 2. IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS PRINCIPAIS.	16
TABELA 3. COMPARAÇÃO (PROVA DE FISHER) ENTRE PRÉ E PÓS TESTE, POR TÉCNICA ANALISADA E INCLUÍDA NO PROGRAMA TESTADO, PARA O CONJUNTO DA AMOSTRA.	18
TABELA 4. AMPLITUDE DA POSIÇÃO RELATIVO DA CABEÇA NO ESPAÇO, NO INÍCIO E NO FINAL DO PROGRAMA, PARA CONDIÇÕES INDIVIDUAL E PARES, NA HABILIDADE MOTORA FUNDAMENTAL GINGA.	20
TABELA 5. ESTATÍSTICA DESCRITIVA: DESVIO PADRÃO DA POSIÇÃO RELATIVA DA CABEÇA NO ESPAÇO.	21

Índice de Figuras

FIGURA 1. CAIXA DE BIGODES DO POSICIONAMENTO RELATIVO DA CABEÇA NO ESPAÇO, PARA CONDIÇÕES INDIVIDUAL E PARES NA HABILIDADE MOTORA FUNDAMENTAL GINGA.	20
FIGURA 2. CAIXA DE BIGODES DO DESVIO PADRÃO DO POSICIONAMENTO RELATIVO DA CABEÇA NO ESPAÇO, PARA CONDIÇÕES INDIVIDUAL E PARES EM AMBOS OS MOMENTOS DO PROGRAMA, NA HABILIDADE MOTORA FUNDAMENTAL GINGA.	22

Resumo

A Capoeira requer o desenvolvimento de capacidades coordenativas, como o equilíbrio, a orientação espacial e o ritmo (em sincronização com estruturas rítmicas instrumentais e de canto), e de vários modos de locomoção, expressos em técnicas corporais específicas e comportamentos técnicos e táticos simulando a luta, também específicos desta prática corporal.

Com este estudo pretendemos identificar os fundamentos básicos de Capoeira e testar a sua sistematização nas primeiras etapas de Iniciação na Capoeira. Este objetivo afigura-se pertinente para a 2.^a infância, pois é este um período crítico de desenvolvimento de habilidades motoras e de capacidades coordenativas, bem como de estruturação de modos de interação social. Pretendemos também criar um primeiro documento orientador, para que agentes de ensino de Capoeira possam estruturar e sustentar a progressão de aprendizagem das técnicas, táticas e regras de prática de interação entre capoeiristas executantes e instrumentistas, de crianças principiantes, no respeito dos valores históricos e culturais identitários da Capoeira.

O estudo compõe-se de dois processos sequenciais: 1) definição do programa de formação na Capoeira, sustentado na revisão bibliográfica da história, da cultura e de documentação técnica e empírica; 2) teste do programa numa amostra de principiantes de Capoeira. A amostra compõe-se 15 crianças com idades entre os 5 e os 10 anos, 7 do género feminino, 8 do género masculino, a média das idades é 8 ($\pm 1,20$), principiantes na Capoeira e oriundas de um clube desportivo e de um bairro social, da área da grande Lisboa. Para a primeira fase do projeto recorreu-se ao método de revisão analítica; para a segunda fase usou-se um desenho experimental longitudinal (quase-experimental) pré e pós teste, em que o/a participante é controlo de si próprio. A avaliação baseou-se em grelhas de observação qualitativa nominal dicotómica e na comparação entre momentos.

Os resultados revelaram que não há diferença significativa entre idades, entre origens e entre géneros, pelo que as técnicas escolhidas e programa, como foi implementado, a este intervalo etário e para ambos os géneros. Quando comparada a prestação motora no início e no fim da implementação do programa, há uma melhoria significativa da qualidade de execução em todas as técnicas de Capoeira praticadas. Em crianças deste grupo etário, inexperientes em Capoeira, trinta sessões com especialista, foram suficientes para uma evolução significativa do domínio das técnicas de Capoeira selecionadas. A condição de simulação de duelo levou a uma imediata sincronização entre as crianças de cada par; fenómeno essencial para a evolução do jogo, característica do duelo da Capoeira. O Programa como foi concebido e implementado propicia aprendizagem motora qualitativa das técnicas selecionadas, em trinta sessões, com crianças inexperientes em Capoeira. Desconhece-se se o programa pode ser implementado por não especialista em Capoeira, em contexto escolar.

Palavras-chave: Capoeira, Programa de Iniciação, Crianças, Aprendizagem Motora

Abstract

Title: Basic Fundamentals of Capoeira and Motor Development from 5 to 10 Years of Age: Implementation and Evaluation of a Formative Project

Capoeira requires the development of its coordinated guides, such as balance, reflection in rhythm and modes of locomotion, specific body shapes and coaches and tactics simulating a struggle. also serves this body order.

This study intends to make the basic fundamentals of Capoeira and to test its systematization in the first stages of initiation in Capoeira. This object seems to be relevant to early childhood, as it is a critical period of development of motor skills and coordinating power, as well as a mode of interaction of social modes. We also intend to create a first guiding document so that capoeirista teaching practices are implemented and implemented in the techniques, practices and practices of exchange between capoeiristas and instrumentalists of beginner children, without respect for the historical and cultural identity values of Capoeira.

The study is composed of two sequential processes: 1) definition of the training program in Capoeira, supported by the bibliographical review of history, culture and technical and empirical documentation; 2) test the program on a sample of Capoeira beginners. The sample consisted of 15 children aged 5 to 10 years, 7 of the female gender, 8 of the male gender, with an average age of 8 (± 1.20), beginners in Capoeira and coming from a sports club and a social district, in the Greater Lisbon area. For the first phase of the project we used the analytical review method; for the second phase a longitudinal, quasi-experimental, pre-test experimental design was used, in which the participant is self-control. The evaluation was based on grids of nominal qualitative observation dichotomous and on the comparison between moments.

The results revealed no significant difference between ages, between origins and between genders, so the techniques chosen and program, as implemented, at this age range and for both genders. When comparing motor performance at the beginning and end of program implementation, there is a significant improvement in the quality of execution in all Capoeira techniques practiced. In children of this age group, inexperienced in Capoeira, thirty sessions with specialist were sufficient for a significant evolution of the domain of selected Capoeira techniques. The duel simulation condition led to an immediate synchronization between the children of each pair; an essential phenomenon for the evolution of the game, characteristic of the Capoeira duel. The Program as conceived and implemented provides qualitative motor learning of the selected techniques, in thirty sessions, with inexperienced children in Capoeira. It is unknown whether the program can be implemented by non-specialist in Capoeira, in a school context.

Key words: Capoeira, Initiation Program, Children, Motor Learning

1. Introdução

A Capoeira difere da grande maioria dos outros duelos pelo acompanhamento musical, onde o ritmo dá a cadência aos movimentos. A prática da Capoeira propicia o desenvolvimento de elementos estruturantes da motricidade humana, nomeadamente em ciclos percepção-ação, e.g., ritmo da música e movimentos específicos ou visão periférica e ações de ataque e defesa, integrados nas dimensões cultural e afetivo-social (Silva & Damiani, 2005).

Considerando a fase atual de informação sobre a aprendizagem da Capoeira em crianças, optámos por usar o método de revisão analítica, recorrendo inclusivamente a documentos datados como os disponíveis na “Revista da Capoeira”, em livros técnicos sobre Capoeira e artigos publicados em revistas científicas.

A formação em Capoeira segue um curso tradicional em Associações ou Grupos de Capoeira, onde transmissão de conhecimentos se faz pelo Mestre de Capoeira, cada qual desenvolvendo uma filosofia e uma metodologia individuais e muito baseadas no conhecimento prático acumulado. Não existe um processo formal e específico de formação desses profissionais, pelo que os profissionais possuem habitualmente pouca qualificação. O praticante-aluno passa para a condição de professor através de critérios subjetivos adotados (Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009).

Com o objetivo de contribuir com uma sistematização testada para a aprendizagem motora da Capoeira na 2.^a infância, tido como o período crítico de desenvolvimento de habilidades motoras e de capacidades coordenativas (Mitra & Mogos, 1990), bem como de estruturação de modos de interação social (Ré, 2011), com o presente estudo pretendemos construir e testar um programa orientador, para que agentes de ensino de Capoeira possam estruturar e sustentar a progressão de aprendizagem das técnicas, táticas e regras básicas, bem como de interação entre capoeiristas executantes e instrumentistas, no respeito dos valores históricos e culturais identitários da Capoeira.

2. Enquadramento

2.1. Caracterização da Modalidade Capoeira

A Capoeira é notável por uma incerteza, tornando-a ao mesmo tempo uma dança, uma luta e um jogo (Reis, 2000).

Na sua essência é um duelo sincronizado com cânticos e instrumentos musicais (berimbau, pandeiro e atabaque). Porque tendo a sua origem num contexto histórico específico, está imbuído de vários comportamentos ritualizados individuais e coletivos (Vieira & Assunção, 1998).

Deste maneira, mostrar como uma prática corporal multifacetada que inclui componentes de duelo, dança e simulação (Falcão, 2004).

2.2. Origem Histórica da Capoeira

O esclarecimento da origem da Capoeira não é consensual (Campos, 2001a). Uma perspetiva mais aceite defende que a Capoeira teria sido criada por africanos em solo brasileiro, pois os negros escravizados são oriundos de várias regiões africanas onde não há registo de Capoeira, e foram levados para outras colónias onde não há registo histórico do desenvolvimento da Capoeira segundo vários autores (Vassallo, 2009; Mello, 2002). Uma segunda perspetiva defende que a Capoeira foi criada em África e levada para o Brasil pelos escravos, uma vez que podem ser encontradas, naquele Continente, danças e rituais característicos, sendo a Capoeira uma simples variação dessas danças. Por exemplo, no sul da Angola há uma dança, N'golo, com semelhanças à Capoeira (Casculo, 1967; Rabelo, 2014).

2.3. Função Original da Capoeira

Primitivamente, a Capoeira era o folguedo que os negros inventaram para se divertirem nas festas de largo (de Sousa Reis, 1994), sem, contudo, deixar de utilizá-la como modo de defesa (Rego, 1968). Não possuindo armas, o negro terá descoberto no próprio corpo um meio de defesa, por intermédio de imitações de animais (Areias, 1983).

A dimensão dança tem sido justificada pela necessidade de os escravos negros praticarem a Capoeira à vista dos seus senhores, disfarçando os movimentos de luta (Santos & Palhares, 2010).

A marcialidade da Capoeira também foi usada para proteção de pessoas ilustres e como método de combate corpo a corpo. Por exemplo, em 1850, a guarda pessoal de D. Pedro I e a defesa particular de José do Patrocínio era composta pelos denominados Capoeiras (D’Amorim & Atil, 2014). A Capoeira também teve um papel importante na Guerra do Paraguai (1860–1865), para a qual os negros foram enviados em massa (Marinho, 1956).

2.4. Etiologia do termo “Capoeira”

Considera-se o primeiro registo deste vocábulo, datado de 1712, por Rafael Bluteau num livro publicado em Coimbra.

José de Alencar (1865), na primeira edição do livro *Iracema*, propôs para o vocábulo Capoeira o tupi (língua indígena) *Caa-Apuamera*, traduzido por “ilha de mato já cortado” (Campos, 2001).

Segundo Fontoura e Guimarães (2003), o vocábulo vem simplesmente de *Caápuêra*, “mato que foi”, atualmente mato miúdo que nasce no lugar do mato virgem que foi cortado.

Existem outros argumentos para o vocábulo. Duas citações, no entanto, chamam a atenção dos estudiosos: a primeira é o nome extraído de uma ave oriunda do Brasil e do Paraguai chamada de *Odontophores Capoeira-six*; a segunda provém do vocabulário português, com o significado de cesto de guardar capões, muito utilizado pelos escravos vendedores de galinhas (Campos, 2001).

D’Amorim e Atil (2014) ressaltam que os negros procuravam espaços isolados, normalmente com mato ralo, para se exercitarem, longe dos olhos dos feitores, capitães do mato ou vigilantes da ordem. Como esses espaços, na região rural, se denominavam de Capoeira, por um processo metonímico, a manifestação terá ficado assim conhecida.

2.5. A Música Capoeira

A música Capoeira desempenha várias funções, por exemplo, a de servir de suporte à execução coordenada das habilidades motoras específicas e à sincronização de movimentos no duelo, ou a de estabelecer início e término da roda¹, bem como à

¹ A Roda é o círculo onde dois capoeiristas, ao ritmo de instrumentos musicais específicos, vão demonstrando o jogo de corpo que busca seduzir o oponente afim de atingi-lo com eficácia (Brito, 2014).

transmissão de conhecimentos desta prática corporal, onde o Mestre através da improvisação do texto mostra e canta (Gomes & Fernandes, 2005).

Na Capoeira a música acontece nas formas de canto, acompanhado por palmas e instrumentos musicais: berimbau Berra-boi, berimbau Gunga, berimbau Viola, pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque, bem como o caxixi que é executado pelo tocador de berimbau, com recurso a uma moeda e uma baqueta (Barros & Baccino, 2015).

No canto, solista e coro², desenvolvem ritmos repetitivos para os capoeiristas que cantam no meio da roda. A música, iniciada pelos instrumentos, começa com uma canção feita pelo solista, a ladainha. Em seguida o solista inicia o canto de entrada, o prelúdio dos corridos³, enquanto os jogadores se cumprimentam e iniciam a brincadeira (Real, 2006). As canções também preparam o fim da roda, ou indicam que alguém vai sair (Real, 2006).

Os cantos também servem de suporte à abordagem de aspetos de socialização. Por exemplo, qual deve ser o comportamento do capoeirista⁴, ou reflexões morais⁵ (Barbosa, 2005).

Na Capoeira o solista é aquele que não só é capaz de tocar e cantar bem, como também transmitir uma mensagem por meio do canto. Por isso, normalmente o solista é o Mestre.

A roda também serve como contexto para rituais de passagem⁶, através dos quais os alunos vão sendo revelados pelo Mestre, conforme o praticante obtendo a experiência necessária para a eles ter acesso (Abib, 2009).

² O coro é um complemento do conjunto sonoro, com repetições frequentes, características da música da Capoeira. Só não faz parte do coro o solista e os que estão jogando no meio da roda (Martín, 2000).

³ Os corridos caracterizam-se por cantigas que aumentam o ritmo, com junção do verso do canto com frases do refrão, repetidos pelo coro total ou parcialmente, dependendo do tempo que o cantor dá para os versos que canta.

⁴ E.g., apontando como deve ser o comportamento do capoeirista “Ai ai ai ai dê joga bonito que não aprende” e “Menino preste atenção no que eu vou dizer, o que eu faço brincando você não pode zangado, não seja vaidoso nem despeitado, na roda de Capoeira, Pastinha já está classificado”.

⁵ E.g., “Não seja vaidoso nem despeitado, na roda de Capoeira, Pastinha já está classificado”.

⁶ Por exemplo, batizado é um momento de grande significado para o aluno, depois de ter aprendido a sequência, encontra-se apto para jogar pela primeira vez na roda ou por exemplo o ritual *Iúna*, é tocado de berimbau, que é tocado no final das aulas ou em eventos especiais, um toque onde só os alunos que têm acesso à roda, com a obrigatoriedade de realizar um “jogo de floreio”, bonito, criativo, malicioso e que deverá ter movimentos de projeção; um jogo que suscita muita admiração (Almeida, 1982).

Os capoeiristas também encontram na música a oportunidade de improvisar, compondo chulas⁷, cantos-de-entrada⁸, corridos e quadras, que vão sendo disponibilizados por meio digital (Rosa, 2004).

⁷ A chula caracteriza-se por canto de versos realizados pelo solista, mestre mais velho ou com a sua autorização, com repetição do coro (Reis, 2000).

⁸ O canto de entrada caracteriza-se por uma louvação e tem como função agradecer a todos a presença nas rodas, ao público e aos praticantes de Capoeira “Capoeiristas”.

3. Revisão de Literatura

Existe relação direta entre o desenvolvimento motor e praticantes de Capoeira, Andrade (2012) identificou e analisou as diferenças no desenvolvimento motor entre crianças praticantes e não praticantes de Capoeira, em 20 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 5 a 11 anos, sendo que 10 eram praticantes de Capoeira. Foi empregue como instrumento uma escala de Desenvolvimento Motor. O autor verificou que todos os praticantes de Capoeira atingiram a média do perfil motor normal, enquanto que só 70% dos não capoeiristas o atingiram, ficando os restantes 30% classificados como normal baixo.

Brito (2014) pretendeu avaliar os efeitos da prática da Capoeira no desenvolvimento psicomotor na infância. A amostra foi constituída por 54 alunos do segundo ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Fortaleza, com idades de 6 a 12 anos, divididos em dois grupos: grupo experimental (15 meninas) e grupo de controle (13 meninas). As crianças do grupo experimental foram submetidas à prática da Capoeira duas vezes por semana, durante 32 semanas, com 45 minutos cada sessão, enquanto o grupo de controle não participou das aulas de Capoeira. A BPM (Bateria Psicomotora) foi utilizada para avaliar o desenvolvimento psicomotor. Verificou que: a) o sexo feminino obteve melhores resultados em quase todos os testes aplicados, no pré-teste e no pós-teste, com diferenças estatisticamente significativas para praxia fina, no grupo experimental, durante pré-teste, e para noção de corpo, nos dois grupos, no pós-teste; b) no pós teste, o grupo experimental apresentou melhor desempenho em ambos os sexos nos sete fatores avaliados; c) o grupo experimental demonstrou melhorias no desempenho, do primeiro para o segundo momento de avaliação, com diferenças estatisticamente significativas em todos os testes aplicados para avaliação do desenvolvimento psicomotor: tonicidade ($p < 0,01$); equilibração ($p < 0,00$); lateralização ($p < 0,00$); noção de corpo ($p < 0,00$); estruturação espaciotemporal ($p < 0,00$); praxia global ($p < 0,00$) e praxia fina ($p < 0,00$). O autor considera que a prática da Capoeira, quando bem orientada, proporciona melhorias significativas no desenvolvimento psicomotor de crianças.

Brito (2008) proporcionou um programa de prática de Capoeira, tem como objetivo avaliar os efeitos da prática da Capoeira na coordenação motora de indivíduos com Síndrome de Down, (N=20; entre os 8 e 39 anos), de ambos os sexos. O programa teve uma frequência de duas vezes por semana, durante 14 semanas, com duração de 45

minutos por sessão. Houve melhoria dos níveis de coordenação motora. O sexo masculino obteve melhores resultados com diferenças estatisticamente significativas para o teste “Corrida com Mudança de direção”, no pré-teste e no pós-teste; e, no teste “*Tapping Pedal*” para ambos os pés no pós-teste”. Os participantes mais novos obtiveram melhores resultados na maioria dos testes aplicados no pré-teste e no pós-teste, com diferença estatisticamente significativa no teste “*Tapping Pedal*” em ambos os pés no pré-teste.

Menezes (2012) comparou o equilíbrio de portadores de deficiência visual (N=10, entre os 20 e os 47 anos) praticantes (n=5) e não praticantes de Capoeira (n=5). A amostra foi submetida à Escala de Equilíbrio de Berg (EEB) e à Escala Internacional de Eficácia de Quedas (FES-I). Os resultados revelaram que a média dos valores da EEB foi de $55,4 \pm 1,34$ para os capoeiristas, $54 \pm 1,58$ para os não capoeiristas, e na FES-I foi de $27 \pm 7,64$ para os capoeiristas e de $35 \pm 8,12$ para os não capoeiristas, sem diferença estatística significativa entre os dois grupos nos dois testes. No entanto, os praticantes de Capoeira revelaram melhor prestação média e mais homogênea, em ambos os testes.

São escassos os estudos científicos de análise biomecânica de habilidades motoras específicas da Capoeira (e.g., Brennecke, Matsumoto, Machado, Gama, & Serrão, 1998). Brennecke, Amadio e Serrão (2005) assumem que a Ginga é um movimento fundamental, e realizaram um estudo com 10 voluntários, sendo 8 homens e 2 mulheres ($25,1 \pm 3,03$ anos, $172,7 \pm 7,5$ cm, $70,35 \pm 7,26$ Kg), oriundos de 4 diferentes grupos de Capoeira, e o tempo médio de prática da amostra foi de $7,7 \pm 4,4$ anos; os quais realizaram sobre uma plataforma de força 4 diferentes movimentos: “Negativa Fechada”, “Martelo”, “Armada Pulada” e “Parafuso”. A análise das curvas de força de reação do solo revelou que, no âmbito das forças externas, a “Negativa Fechada” e o “Martelo” podem ser inseridos nas fases iniciais do programa de treinamento, ao passo que, o “Parafuso” e a “Armada Pulada”, movimentos cujas exigências mecânicas e motoras são maiores, devem ser inseridos posteriormente.

A liberdade de expressão e a riqueza de movimentos aliadas à ludicidade, presentes, podem proporcionar aos seus praticantes benefícios culturais e educacionais. Souza e de Oliveira (2008) salientam o facto da Capoeira poder propiciar o desenvolvimento de comportamentos não preconceituosos e do papel histórico das práticas corporais na preservação de valores culturais e identitários, bem como da inclusão das dimensões lúdica, rítmica e motora (cf., Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009). É assumido que não

existe um processo estruturado e testado de aprendizagem desta prática corporal (Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009), embora comecem a surgir propostas. Por exemplo, Souza e de Oliveira (2008), com o objetivo de estruturar a Capoeira, como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio brasileiro, conceberam um programa onde identificam o que ensinar para cada ano de ensino, relativamente às técnicas, sistematizadas do seguinte modo: básicas, defensivas, ofensivas (giratórias e diretas), acrobáticas, dez equilibrantes (Anexo 1); bem como relativamente aos ritmos e respetivos instrumentos, e à história da Capoeira, dos seus instrumentos musicais e às suas variantes.

4. Problema

Com base na proposta de Souza e de Oliveira (2008) e os resultados obtidos por Brito (2008) e Andrade (2012), bem como as considerações vertidas em Pensar a Prática (2009), pretendemos com este estudo iniciar a construção e testagem de uma proposta de estruturação da aprendizagem da Capoeira entre os 5 e os 10 anos de idade (cf., Brito, 2014), respeitando a sua identidade cultural e os seus rituais (Vieira & Assunção, 1998), as suas variantes e a sua estrutura de interligação entre movimento, ritmo e simulação (Falcão, 2008). Para realização do projeto também foram consultados vários livros e audiovisuais de Capoeira cedidos pela Federação Portuguesa de Capoeira.

5. Objetivo Geral

A Capoeira difere da grande maioria dos outros duelos pelo acompanhamento musical, onde o ritmo dá a estrutura temporal ao movimento. A prática da Capoeira permite o desenvolvimento de elementos estruturais do movimento humano, particularmente nos ciclos percepção, por exemplo, ritmo musical e movimentos específicos ou visão periférica e ações de ataque e defesa, integradas em dimensões culturais e sócio afetivas (Silva & Damiani, 2005). O treino na Capoeira segue um curso tradicional em associações ou grupos de Capoeira onde a transmissão do conhecimento é feita pelo Mestre de Capoeira, cada uma desenvolvendo uma filosofia e metodologia individual e baseada em conhecimento prático acumulado. Na verdade, não há nenhum processo formal e treinamento específico desses profissionais, e os profissionais geralmente têm pouca qualificação. O aluno praticante passa para a condição do professor por critérios subjetivos (Heine, Carbinatto e Nunomura, 2009). A fim de contribuir para a sistematização de conteúdos testados, para o aprendizado motorizado da base da Capoeira, na 2ª infância, considerado o período crítico de desenvolvimento de habilidades motoras e habilidades de coordenação (Mitra & Mogos, 1990), bem como a estruturação interação social dos modos (Ré, 2011), os autores iniciaram um projeto para construir e testar um programa orientador para os professores da Capoeira, para que possam estruturar e sustentar a progressão do aprendizado das técnicas básicas, táticas e regras; bem como para introduzir o processo de interação entre artistas capoeiristas e instrumentistas, respeitando os valores culturais e históricos da identidade da Capoeira.

6. Metodologia

6.1. Caracterização da Amostra

A amostra compôs-se 15 crianças com idades entre os 5 e os 10 anos ($8\pm 1,2$), de ambos os géneros, 7 do género feminino crianças, num período crítico de desenvolvimento de perceção de ritmo, das habilidades motoras e das capacidades coordenativas (Clark, 1994; Clark & Metcalfe, 2002). Essas crianças pertencem a uma organização não governamental ($n=6$), com papéis integrativos sociais, e a um clube desportivo de grande dimensão nacional ($n=9$). O consentimento informado dos pais e o consentimento das crianças serão obtidos. Os princípios do Tratado de Helsínquia serão respeitados.

6.2. Programa de Intervenção

O objetivo do projeto é fornecer um processo de aprendizagem motora que permita a aquisição de técnicas específicas e essenciais, mais do que a melhoria técnica (Falcão, 2004). O programa de intervenção enfatizará a preservação de elementos de identidade cultural, como a estrutura rítmica e organização e papéis espaciais dos participantes (Alleoni, 2010); e uma dimensão lúdica será assegurada no diálogo entre os vários atores envolvidos na Roda (Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009b). Isso significa que a oportunidade de deliberar prática e jogo deliberado deve ser preservada, especialmente com a possibilidade de movimento de exploração livre (Reis, 1994). Os movimentos devem ser sincronizados com ritmos específicos (Heine, Carbinatto & Nunomura, 2009). A aprendizagem de habilidades motoras específicas deve ser baseada no movimento estrutural Gíngá (Netto, 2007).

6.2.1. Proposições

Não há a intenção do aperfeiçoamento técnico mas da aquisição elementar de técnicas específicas e essenciais (Falcão, 2004).

Deve haver uma preservação dos fatores culturais identitários (Alleoni, 2010)

Deve ser preservada a dimensão lúdica (Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009b).

Deve ser preservada a oportunidade de prática deliberada, nomeadamente com a possibilidade de exploração livre de movimentos (Reis, 1994).

Os movimentos devem ser sincronizados com ritmos específicos (Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009)

A aprendizagem das habilidades motoras específicas deve basear-se no movimento estruturante Ginga (Netto, 2007).

6.2.2. Proposta de Conteúdos

Com base na sistematização de Souza e de Oliveira (2008) (Anexo 1), seleccionámos e definimos um conjunto de conteúdos básicos, divididos em duas dimensões: i) Cultural- abrangendo contributos históricos, instrumentais, musicais e ritualizados da Capoeira; e, ii) Motora- contemplando as habilidades motoras da Capoeira, divididas nas seguintes categorias: especializadas, de transição, e táticas (Tabela 1).

Tabela 1. Tópicos orientadores nas dimensões cultural e motora, para programa de aprendizagem básica em crianças da Capoeira.

Dimensão Cultural	Dimensão Motora
História	A) Habilidades motoras especializadas
Instrumentos	
Música e Cantigas	Meia Lua de Frente
Rituais e Hierarquias na Roda	Queixada
	Martelo
	Godeme
	Arpão de Giro
	Meia Lua de Compasso
	Armada
	Bênção
	Negativas
	B) Movimentações Transição e Defesa
	Ginga
	Cocorinha
	Aú

6.3. Procedimentos

Inicialmente foi solicitada autorização a instituições e coletividades aderentes ao projeto. Seguidamente recolheu-se consentimento informado junto dos encarregados de educação.

Foi pedido assentimento às crianças envolvidas no projeto. Foram respeitados os princípios do Tratado de Helsínquia.

Realizaram-se 30 sessões (cf., Brito, 2014), com registo de frequência individual e elevada média de presenças ($29,3 \pm 1,3$ sessões).

A área da Capoeira consistirá em três círculos concêntricos, estabelecidos no piso duro, não escorregadios, definidos da seguinte forma: i) Vermelho - área de segurança, raio 2,30m; ii) Amarelo - área de meio jogo e longa distância, raio 1,50 m; iii) Verde - área de meio jogo e distâncias de caminhada, raio de 1,20 m.

6.4. Protocolo

Para definição de planos, eixos e rotações foram utilizados os termos empregues em Anatomia e Biomecânica.

Seguidamente são descritas as componentes críticas utilizadas para análise qualitativa das técnicas previstas no programa. Para visualização das técnicas, consultar (Almeida, 1982)

6.4.1. Ginga

- Colocar um membro inferior avançado e outro recuado, no plano anteroposterior, ligeiramente fletidos e afastados;
- Simultaneamente, colocar membro superior contralateral fletido pelo cotovelo acima do nível dos ombros, no plano horizontal;
- Mantendo flexão dos membros, arrastar membro inferior recuado para diante, colocando-o ao lado de membro inferior avançado, pelo menos à largura dos ombros;
- Arrastando recuar membro inferior inicialmente avançado para posição simétrica à inicial destes membros;
- Simultaneamente, recuar para baixo membro superior elevado e elevar membro superior recuado e baixo, num movimento simétrico;
- Efetuar mesma ação no sentido oposto.

6.4.2. Cocorinha

- Durante flexão dos membros inferiores, pés paralelos totalmente apoiados no solo;
- Durante flexão dos membros inferiores mantém cabeça vertical;
- Na posição de cócoras, apoia mão no solo com supinação do antebraço (dedos virados para fora);
- Mão de apoio fica recuada, formando um triângulo escaleno com os pés;
- Membro superior em frente ao rosto, flexionado pelo cotovelo;
- Membro superior em frente do rosto acima do nível dos ombros.

6.4.3. Martelo

- Partir da ginga,
- Membro inferior recuado é tracionado a partir da anca;
- Membro inferior é tracionado fletido pelo joelho;
- Membro inferior tracionado faz trajetória acima do plano horizontal do joelho do membro inferior apoiado no solo;
- Durante traçam, o tronco não baixa mais que plano horizontal de membro inferior tracionado;
- Joelho de membro inferior tracionado é orientado para corpo do companheiro;
- Pé de (e) membro inferior de apoio faz rotação supinada;
- Perna de membro inferior tracionado é estendida, com orientação de dorso do pé para corpo de companheiro;
- Retorno de membro inferior tracionado à posição inicial.

6.4.4. Bêncão

- Partir da ginga;
- Elevar o membro inferior flexionado pelo joelho, com dorsiflexão do pé;
- Extensão do membro inferior com orientação do pé em direção ao companheiro (golpear);
- Movimento do golpear linear;
- Movimento de golpear rápido;
- Atingir companheiro com a planta do pé.

6.4.5. Aú

- No plano frontal, inclinar lateralmente tronco em direção ao chão;
- Mantendo esse plano, apoiar sucessivamente as duas mãos no solo;
- Lançar membro interior recuado para cima e para a frente;
- Estender membro inferior avançado para cima;
- Com os membros inferiores descrever semicírculo;
- Elevar tronco e cabeça, ao apoiar sucessivamente os pés no solo.

6.4.6. Godeme

- Partir da Ginga;
- Elevar membro superior flexionado pelo cotovelo e direcionado para cabeça de companheiro;
- Fechar a mão com supinação do antebraço (dorso da mão orientado para cabeça de companheiro);
- Estender o antebraço em direção a lado da cabeça do companheiro.

6.4.7. Arpão de Giro:

- Partir da ginga;
- Avançar pé recuado, girando 180 graus sobre eixo longitudinal e mantendo rosto orientado para companheiro;
- Termina rotação de costas para companheiro;

- Durante rotação longitudinal mantem sempre pés em contacto com o solo;
- Continuação da rotação da cabeça no sentido do movimento, orientando rosto para companheiro;
- Membro superior é elevado em extensão acima de plano horizontal do ombro do membro superior de ataque
- Membro superior elevado é projetado no sentido da rotação longitudinal inicialmente produzida, em direção a corpo de companheiro;
- Mão de membro superior elevado e rodado é mantido em extensão, apresentando parte posterior da mão;
- Conclui rotação longitudinal, ficando de frente para companheiro;
- Durante toda a rotação no eixo longitudinal, mantem tronco e cabeça alinhados com este;
- Executa para ambos os lados.

6.4.8. Armada

- Partir da ginga;
- Avançar pé recuado, girando 180 graus sobre eixo longitudinal e mantendo rosto orientado para companheiro;
- Termina rotação de costas para companheiro;
- Durante rotação longitudinal mantem sempre pés em contacto com o solo;
- Continuação da rotação da cabeça no sentido do movimento, orientando rosto para companheiro;
- Membro inferior inicialmente de apoio é elevado em extensão acima de plano horizontal do joelho do membro inferior de apoio
- Membro inferior elevado é projetado no sentido da rotação longitudinal inicialmente produzida, em direção a corpo de companheiro;
- Pé de membro inferior elevado e rodado é mantido em dorsiflexão, apresentando bordo externo companheiro;
- Conclui rotação longitudinal, ficando de frente para companheiro;
- Durante toda a rotação no eixo longitudinal, mantem tronco e cabeça alinhados com este;
- Executa para ambos os lados.

6.4.9. Meia-lua de compasso

- Partir da Ginga;
- Flete tronco entre as coxas;
- Apoia mãos no solo intercetando plano frontal dos pés (uma das mãos está recuada em relação a este plano);
- Apoia mãos sensivelmente à largura dos ombros;
- Apoia mãos com antebraços em supinação (dedos virados para as extremidades da semirreta que formam);
- Projeção do membro inferior recuado (da Ginga) acima do plano horizontal da anca do companheiro;

- Projeção semicircular do membro inferior é acompanhada de rotação em pronação de membro inferior de apoio;
- Fase descendente de membro inferior projetado é acompanhada de elevação do trem superior;
- Ao apoiar pé de membro inferior projetado assume posição base da Ginga.

6.4.10. Meia-lua de frente

- Partir da ginga;
- Durante projeção de membro inferior recuado manter trem superior vertical;
- Membro inferior projetado descreve semicírculo acima de plano horizontal do joelho;
- O golpe é realizado com o bordo interno do pé;
- O pé do golpe está em dorsiflexão;
- Durante o golpe o pé do membro inferior de apoio realiza uma rotação em supinação;
- Ao apoiar pé de membro inferior projetado assume posição base da Ginga.

6.4.11. Negativa

- Partir da ginga;
- Durante flexão dos membros inferiores mantem rosto orientado para companheiro;
- Durante flexão dos membros inferiores mantem rosto protegido por membro superior avançado;
- Membro inferior recuado é projetado para a frente completamente em extensão;
- Pé de membro inferior projetado encontra-se em dorsiflexão;
- Durante projeção do membro inferior membros superiores estão fletidos de modo a tórax tocar no solo
- Pé do membro inferior projetado é orientado para calcanhar do companheiro;
- Durante retorno de membro inferior projetado, mantem rosto orientado para companheiro;
- Durante retorno de membro inferior projetado, reposiciona antebraço de membro superior avançado em frente de rosto;
- Retorna à posição de Ginga.

6.4.12. Queixada

- Partir da ginga;
- Durante todo o movimento mantem rosto orientado para companheiro;
- Na deslocação do membro inferior recuado mantem pé em contacto com o solo;
- Durante a projeção de membro inferior (deslocado) mantem trem superior vertical;
- Executa movimento semicircular de membro inferior projetado;
- O calcanhar do membro inferior projetado desloca-se acima do plano horizontal do joelho do membro inferior apoiado no solo;
- Durante projeção o membro inferior, o membro inferior apoiado no solo realiza rotação de ajustamento em pronação;
- Retorna à posição de Ginga.

6.5. Variáveis

As variáveis estão definidas na Tabela 2.

Tabela 2. Identificação e classificação das variáveis principais.

<i>Dependentes</i>	<i>Independente</i>	<i>Fixas</i>
Componentes Críticas das Técnicas	Programa de Intervenção de Capoeira	Grupo etário Gênero Origem Experiência

6.6. Desenho Experimental

Estudo longitudinal, quase-experimental, pré pós teste, em que o/a participante é controle de si próprio. A avaliação basear-se-á em grelhas de observação qualitativa nominal dicotômica, com validação facial por painel de especialistas.

6.7. Tratamento dos Dados

Para a análise qualitativa da execução das habilidades motoras específicas da Capoeira (Brennecke, Amadio & Serrão, 2005), recorreu-se a grelha de observação, com validação facial por painel de especialistas.

Para análise quantitativa da habilidade motora essencial Ginga, para construir o modelo biomecânico, um marcador reflexivo foi colocado no topo da cabeça. Para recolha das imagens foram empregues uma câmara *Sony FDR_AXP33 digital 4K Vídeo Recorder* e duas *Sony DV-VCR*, numa frequência de amostragem de 25Hz. As imagens foram cortadas e analisadas com o software *Ariel Performance Analysis System* (APAS, Ariel Dynamics-2003). O espaço virtual foi calibrado usando 8 pontos de calibração, com coordenadas específicas (x, y, z), através do módulo *Digitalize* do sistema APAS. Uma vez que os marcadores foram identificados e digitalizados em todos os quadros, a reconstrução da trajetória foi feita com o módulo de transformação, através do algoritmo *Direct Linear Transformation-DLT* (Abdel-Aziz, Karara, & Hauck, 2015). Essas trajetórias foram suavizadas, usando um filtro digital passa-baixo com uma frequência de corte de 5 Hz (Winter, 2009) no módulo de filtro do software APAS. A reconstrução dos segmentos virtuais considerando as coordenadas dos pontos foi feita no software *MatLab*.

6.8. Tratamento Estatístico

Para a análise estatística utilizaremos o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0. Na estatística descritiva serão calculadas a média e o desvio-padrão. Para associação entre idade ou frequência nas sessões e prestação motora foi usado o Coeficiente de Contingência. Para comparação entre momentos (pré e pós) ou entre géneros foi usado o teste de Fisher. O nível de significância foi estabelecido em $p \leq 0,05$. Foi usado o teste Wilcoxon para comparação entre condições, com estimativa do effect size r e o coeficiente de correlação ordinal bisserial Wilcoxon (rrb).

7. Apresentação dos Resultados

7.1. Variáveis Fixas

Não há diferença significativa entre idades, entre origens e entre gêneros, tanto no início (pré) como no final (pós) da implementação do programa nas técnicas de Capoeira analisadas (Anexo 6).

7.2. Testagem do Programa

Não foi encontrada associação significativa entre frequência nas sessões e prestação motora alcançada.

Quando comparada a prestação motora no início e no fim da implementação do programa, há uma melhoria significativa da qualidade de execução em todas as técnicas de Capoeira analisadas (Tabela 3).

Tabela 3. Comparação (Prova de Fisher) entre pré e pós teste, por técnica analisada e incluída no programa testado, para o conjunto da amostra.

Técnica	<i>p</i>
Ginga	0,0001
Cororinha	0,0001
Aú	0,031
Meia Lua	0,0001
Queixada	0,0001
Martelo	0,008
Godeme	0,0001
Arpaú	0,0001
Meia Lua Compasso	0,008
Armada	0,0001
Bênção	0,0001

Como se pode observar pela probabilidade obtida, a técnica Aú foi provavelmente a menos acessível ao conjunto da amostra, seguida pelas técnicas Martelo e Meia Lua Compasso. No entanto, no conjunto das técnicas analisadas e para o conjunto da amostra, o sucesso foi elevado.

7.2.1. Componentes Críticas

Na técnica da Ginga os erros mais comuns foram incorreto posicionamento dos pés e excessiva flexão dos membros inferiores.

Em todas as crianças, é evidente a dificuldade de manutenção vertical do trem superior, quando esta é essencial, e.g., Martelo, Meia-Lua de Frente, e Meia-Lua de Compasso.

A orientação do rosto ou a manutenção desta orientação para o corpo do companheiro foi o erro mais comum, principalmente nas técnicas Godeme, Martelo e Meia-Lua de Compasso.

Outro erro muito frequente é a ausência de rotação do pé do membro inferior de apoio, quando esta é necessária, e.g., Queixada.

Na técnica da Armada a perda de direcionamento do golpe, por ventura por interrupção de contacto visual com o parceiro, foi o insucesso mais frequente.

Na execução do Aú, as crianças revelaram dificuldade não projetavam alternadamente os membros inferiores e trocavam o apoio das mãos.

Na Bênção o pé não subiu acima do plano horizontal da anca, não há extensão total do joelho do membro inferior projetado e não há orientação para o corpo do companheiro da planta do pé.

Na técnica Negativa a dificuldade mais comum foi a do encaixe do pé no calcanhar do companheiro.

7.2.2. Registos Anedóticos

Embora não seja objeto desta análise qualitativa, a prática em pares (necessária para aferir da adequação da orientação de segmentos corporais, da forma e das zonas de contacto com o companheiro) revelou algumas fragilidades das crianças, principalmente associadas à sincronização com o companheiro. Por exemplo, nas técnicas de defesa Cocorinha e Negativa os movimentos eram executados com excessiva antecedência ou tardiamente.

7.3. Análise do movimento fundamental Ginga: Efeito da prática em pares

Nos dois momentos do programa, na condição individual, há uma menor dispersão de valores e uma maior amplitude de deslocação que na condição pares; este padrão é consistente em todas as técnicas estatísticas (Tabela 4; Figura 1).

Tabela 4. Amplitude da posição relativo da cabeça no espaço, no início e no final do programa, para condições individual e pares, na habilidade motora fundamental Ginga.

Momento e Condição	Estatística	Valor
Inicial Individual	Média	1,99
	Mediana	1,95
	Desvio Padrão	0,52
	Amplitude interquartil	0,93
Final Individual	Média	1,28
	Mediana	1,07
	Desvio Padrão	0,76
	Amplitude interquartil	0,81
Inicial Pares	Média	1,08
	Mediana	0,78
	Desvio Padrão	0,84
	Amplitude interquartil	1,46
Final Pares	Média	1,10
	Mediana	0,93
	Desvio Padrão	0,79
	Amplitude interquartil	1,33

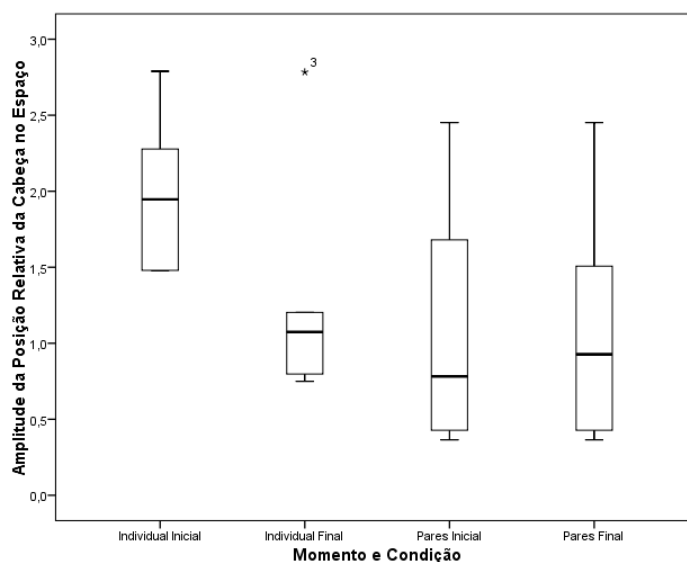


Figura 1. Caixa de bigodes do posicionamento relativo da cabeça no espaço, para condições individual e pares na habilidade motora fundamental Ginga.

Esta diferença de comportamento é significativa no momento inicial, a qual é sustentada por fortes *effect size* r e coeficiente de correlação bisserial ordinal ($z=-2,510$, $p<0,05$,

$r=0,67$, $rrb=-0,60$). De notar também que esta diferença desaparece no momento final do programa ($z=-0,105$, ns, $r=-0,31$, $rrb=-0,75$) (Anexo 7).

Estes resultados sustentam a hipótese de que a condição em pares propicia sincronização entre as crianças, pois passa a haver uma maior dispersão dos valores, provavelmente representando o padrão específico de cada par, como há uma redução da deslocação da cabeça no espaço, provavelmente resultando da tentativa de sincronização entre as duas crianças, pois menor o espaço percorrido menor a possibilidade de haver assincronia entre as duas.

Adicionalmente, quando analisamos a variação da posição da cabeça no espaço (desvio-padrão), observamos que, do momento inicial para o momento final do programa, na condição individual as variações espaciais diminuem, indicando um movimento mais linear, como na condição pares estas aumentam, provavelmente indicando uma tentativa de alinhamento da trajetória com o par (Tabela 5, Figura 2). Estes resultados reforçam os obtidos na amplitude da posição relativa da cabeça no espaço. Em particular, observe-se que na condição pares, nos momentos inicial e final do programa, o padrão de distribuição dos valores é muito idêntico, provavelmente expressado uma combinação entre o comportamento individual e o constrangimento da execução do movimento com outra criança.

Tabela 5. Estatística Descritiva: Desvio Padrão da Posição Relativa da Cabeça no Espaço.

Momento e Condição	Estatística	Valor
Inicial Individual	Média	,38
	Mediana	,36
Final Individual	Média	,24
	Mediana	,26
Inicial Pares	Média	,21
	Mediana	,14
Final Pares	Média	,23
	Mediana	,17

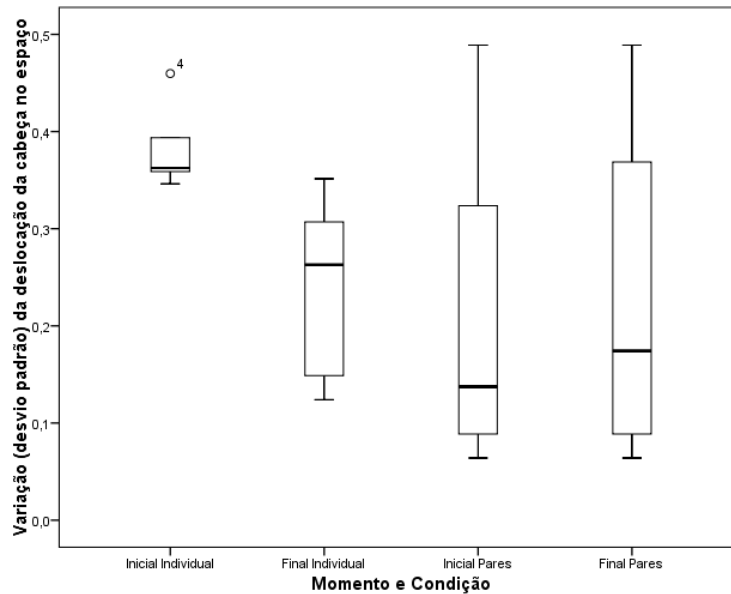


Figura 2. Caixa de bigodes do desvio padrão do posicionamento relativo da cabeça no espaço, para condições individual e pares em ambos os momentos do programa, na habilidade motora fundamental Ginga.

Esta diferença de comportamento entre a condição individual e pares é significativa no momento inicial do programa, a qual é sustentada por um moderado *effect size* r e por um forte coeficiente de correlação bisserial ordinal ($z=-2,432$, $p<0,05$, $r=0,50$, $rrb=-0,85$); a qual desaparece no momento final do programa ($z=-0,105$, ns, $r=0$, $rrb=-0,11$). No entanto, diminui significativamente na condição individual do momento inicial para o final do programa ($z=-2,201$, $p<0,05$, $r=1,00$, $rrb=-1,00$), embora na condição pares não haja diferença significativa entre os dois momentos ($z=-0,738$, ns, $r=0,30$, $rrb=-0,33$). Tal pode significar que inicialmente e individualmente cada criança geriu a variação da sua deslocação no espaço de modo muito específico, decorrente dos seus constrangimentos intrínsecos, mas quando confrontada com o constrangimento da tarefa “pares” e também decorrente da prática entretanto realizada, o seu padrão de variação espacial durante a execução da Ginga se alterou. Tais resultados vêm reforçar a hipótese de a intervenção ter provocado uma evolução na qualidade da execução técnica da Ginga, facto já confirmado na análise qualitativa apresentada anteriormente, como a hipótese da prática em pares, que representa um dos aspetos essenciais da Capoeira, isto é, as duplas, levar mesmo desde o início a uma necessidade não intencional de sincronização com o outro. Note-se que para recolhas iniciais na condição pares, em crianças que nunca tinham feito Capoeira, apenas foi dito para olharem para o seu par.

Relembre-se que os pares criados para a avaliação inicial e final são os mesmos, pelo que ainda se torna mais intrigante a semelhança da distribuição dos valores nestes dois momentos. De modo a tentarmos testar esta hipótese fomos verificar a associação entre as várias condições e vários momentos (Anexo 4). Embora sem expressão significativa, a qual supomos atribuível ao tamanho da amostra, para a amplitude do movimento da cabeça encontramos uma associação direta forte entre as condições a pares nos momentos inicial e final ($\rho(6)=0,714$, $p=0,111$), bem como para o desvio padrão da deslocação da cabeça ($\rho(6)=0,714$, $p=0,111$), acompanhada de uma associação inversa forte no momento final do programa entre a condição individual e a pares ($\rho(6)=-0,771$, $p=0,72$). Esta tendências vêm sustentar novamente a hipótese de a condição pares propiciar sincronização entre crianças.

8. Discussão

Para análise de efeito do programa na aprendizagem motora das técnicas de Capoeira selecionadas, foi possível juntar géneros, idades e origem, pois não se observaram diferenças significativas nestas variáveis, tanto no início como no final do programa.

As técnicas escolhidas e o programa, como foi implementado, adequam-se a este intervalo etário, beneficiando por igual crianças de origens sociais diferentes e de ambos os géneros.

Em crianças deste grupo etário, inexperientes em Capoeira, trinta sessões com especialista foram suficientes para evolução significativa do domínio das técnicas de Capoeira analisadas.

Desconhece-se se o programa pode ser implementado por não especialista em Capoeira, em contexto escolar.

Uma das técnicas de aprendizagem motora implementadas foi a da prática prévia de técnicas consideradas *lead-up* em Capoeira, e.g., nos golpes a aprendizagem da Meia Lua de Frente antecede todos outros golpes em pé, como a Queixada, que é a mesma técnica da Meia Lua de Frente mas no sentido oposto; já nas defesas a Cocorinha é fundamental para todas as quedas e defesas, pois todas executam o posicionamento como uma resposta de cócoras, e.g., Negativas). De certo modo, a aprendizagem destas técnicas *lead-up*, funcionam como prática parcial para as restantes, as quais se podem classificar como habilidades motoras em série, ou seja, compostas por subunidades aprendíveis separadamente, antes de combinadas numa única ação motora. Aparentemente, as crianças foram bem sucedidas na aplicação das técnicas assim aprendidas em contexto de exploração da Capoeira.

Com base na sistematização de Souza e de Oliveira (2008), seleccionámos e definimos um conjunto de conteúdos básicos, divididos em duas dimensões: i) Cultural- abrangendo contributos históricos, instrumentais, musicais e ritualizados da Capoeira; e, ii) Motora- para realização das habilidades motoras especializadas. Desta última, sobre a qual incide o focus deste estudo, seleccionamos as seguintes técnicas de ataque-Meia Lua de Frente, Queixada, Martelo, Godeme, Arpão de Giro, Meia Lua de Compasso, Armada, Bêção e Negativas; porque com a execução destas as tarefas de cambiadas de golpes resultarão em golpes novos, e.g., Martelo e Armada dá origem a Parafuso; Meia Lua de Frente e

Armada combinadas resultam numa Meia Lua Armada, e a sua sinergia pode aumentar a velocidade desta última. Das Técnicas Transição e Defesa, seleccionámos as seguintes- Ginga, Cororinha e Aú; porque são auxiliares de deslocação e transição, permitem a transição ataque-defesa e defesa-ataque. Nas combinações essenciais da Capoeira pelo menos uma destas técnicas está presente.

Dado o plano de intervenção estar limitado a 30 sessões decidimos abdicar da componente tática, porque está associada a uma Capoeira competitiva nas Rodas.

Embora não fosse objeto de análise neste estudo, pela sua importância identitária a componente cultural está presente em todas as sessões, abrangendo aspetos históricos, instrumentais, musicais e ritualizados da Capoeira. Deste modo, todas as sessões foram acompanhadas de músicas, sempre que possível ao vivo, e como é da prática, os capoeiristas fazem presença na Roda, mesmo com iniciantes para finalizar a sessão.

Como a Capoeira é essencialmente um confronto dialogado e sem contacto entre pelo menos duas pessoas, aspeto em que se distingue de outras práticas de combate, era fundamental analisar o efeito do programa na interação entre pares de crianças, simulando a dupla. Provavelmente, o resultado mais surpreendente é que mesmo que no início do programa, quando se solicitou às crianças que olhassem para o seu par enquanto ambas tentavam executar a Ginga (a qual havia sido experimentada pela primeira vez por elas), o padrão de comportamento delas indicia imediata tendência para se sincronizarem espacialmente, e de modo distinto de quando lhes foi solicitado que realizassem a habilidade sozinhas. Adicionalmente, no final do programa, quando voltaram a ser observadas na execução da Ginga, não só as crianças voltaram a revelar ausência de diferença de deslocação no espaço quando em dupla, como também terem evoluído individualmente, em relação ao início do programa.

Estes resultados também estão em consonância com vários modelos teóricos na área do comportamento motor. São coerentes com a hipótese dos neurónios espelho, no sentido de estes serem considerados como sustentadores da interação social. São coerentes com a hipótese da influência da díade na aprendizagem motora, porque as crianças alteram automaticamente o seu padrão de deslocação no espaço quando em condição pares. São também coerentes com a hipótese da sincronização não intencional, pois nada nos revela que as crianças tenham consciência de tenderem para se sincronizar nas suas deslocações no espaço quando em condição pares; observe-se, por exemplo, a associação inversa forte

no final do programa entre as condições individual e pares para o desvio padrão das deslocções da cabeça no espaço.

9. Conclusões

O programa, como foi definido e implementado, beneficiou de modo igualitário género e origem social, na aprendizagem das técnicas essenciais da Capoeira. Estes resultados vêm reforçar o elemento cultural e social que ela possui (cf., Heine, Carbinatto, & Nunomura, 2009).

A ausência de diferença de prestação motora entre meninas e meninos é de ressaltar, pois são conhecidas diferenças de género em estudos sobre prestação em habilidades motoras fundamentais (cf., Brito, 2008, 2014).

O programa como foi concebido e implementado propicia aprendizagem motora qualitativa das técnicas analisadas, em trinta sessões, com crianças inexperientes em Capoeira, e vem sustentar parte do programa proposto por Souza e de Oliveira (2008) para este intervalo etário.

A prática em simulação de duelo, na habilidade fundamental Ginga, propiciou desde o primeiro instante, sincronização entre crianças, em sintonia com uma das especificidades desta cultura corporal- movimentos com uma estrutura rítmica própria (reforçada por música), que são realizados em díade (Heine, Carbinatto & Nunomura, 2009); e que numa fase inicial de aprendizagem são realizados em simetria.

10. Recomendações

Sugere-se que seja testado programa em contexto escolar, com professores/as com formação básica em Capoeira, e outros contextos de aprendizagem da Capoeira, e.g., clubes, inclusivamente com idades superiores à da nossa amostra, de modo a testar a eventual universalidade do programa concebido.

11. Bibliografia

- Abib, P. R. J. (2009). *Mestres e capoeiras famosos da Bahia*. SciELO - EDUFBA.
- Alleoni, B. N. (2010). A Manifestação Corporal Capoeira: Uma Cultura Nacional Brasileira. / the Corporal Manifestation Capoeira: A Brazilian National Culture. *Revista Mackenzie de Educação Física E Esporte*, 9(1), 24–31.
- Almeida, R. C. A. de. (1982). *Bimba: perfil do mestre*. Salvador, Bahia: [publisher not identified].
- andrade monogr capoeira & des mot 12 (8).docx. (n.d.).
- Areias, A. das. (1983). *O que é capoeira*. Brasiliense.
- Barros, L., & Baccino, M. P. (2015). Capoeira na disciplina Sociologia da Música. *Per Musi*, (32), 323–337. <https://doi.org/10.1590/permusi2015b3212>
- Campos, H. (2001a). *Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência*. Secretaria da Cultura e Turismo.
- Campos, H. (2001b). *Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo.
- D'Amorim, E., & Atil, J. (2014). *Capoeira: patrimônio cultural brasileiro*. Brasil: FTD.
- DE BRITO, A. C. (n.d.-a). CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Retrieved from http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/10041/1/2014_tese_acbrito.pdf
- DE BRITO, A. C. (n.d.-b). CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Retrieved from http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/10041/1/2014_tese_acbrito.pdf
- de Sousa Reis, L. V. (1994). A capoeira: de “doença moral” À “gymnástica nacional.” *Revista de História*, (129-131), 221–235.
- de Souza, S. A. R., & de Oliveira, A. A. B. (2008). Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. *Revista Da Educação Física/UEM*, 12(2), 43–50.
- Falcão, J. L. C. (2004). *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.
- Falcão, J. L. C. (2008). O jogo da capoeira em jogo. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 27(2). Retrieved from <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/88>
- Gomes, J. M., & Fernandes, J. N. (2005). Aprendizagem não-formal em grupos culturais: o caso da música na capoeira. *ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 14, 1–9.
- Heine, V., Carbinatto, M. V., & Nunomura, M. (2009a). Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade. *Pensar a Prática*, 12(1). <https://doi.org/10.5216/rpp.v12i1.5174>
- Heine, V., Carbinatto, M. V., & Nunomura, M. (2009b). Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade. *Pensar a Prática*, 12(1). Retrieved from <https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fef&page=article&op=view&path%5B%5D=5174&path%5B%5D=4735>
- Heine, V., Carbinatto, M. V., & Nunomura, M. (2009c). Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 a 10 anos de idade. *Pensar a Prática*, 12(1). Retrieved from <https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fef&page=article&op=view&path%5B%5D=5174&path%5B%5D=4735>
- Marinho, P. (1956). Subsídios Para a História da Capoeiragem no Brasil, (nº 9).

- Martín, P. J. (2003). *Ao som do berimbau: capoeira, arte marcial del Brasil*. Barcelona: Alas.
- MELLO, A. da S. (2002). A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, VIII*. Retrieved from http://www.oocities.org/br/capoeiranomade/A_historia_da_capoeira_na_perspectiva_da_cultura_corporal-Andre_Mello.pdf
- Menezes, F. S. de, & others. (2012). Capoeira for visually impaired: comparison of the balance between practitioners and non-practitioners of capoeira. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 34(1), 81–93.
- Mitra, G., & Mogos, A. (1990). *O Desenvolvimento das Qualidades Motoras no Jovem Atleta*. Lisboa: Livros Horizonte.
- NETTO, N. S. P. (2007). A CAPOEIRA NO MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO, ESTADO DO PARANÁ: UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL A PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Retrieved from <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-301-05.pdf>
- Rabelo, I. G. (2014). A ecologia da vadição: os saberes no grupo N’Zambi de capoeira Angola em Florianópolis-Santa Catarina. Retrieved from <http://repositorio.unb.br/handle/10482/17330>
- Ré, A. H. N. (2011). Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. *Motricidade*, 7(3), 55–67.
- Real, M. P. C., & others. (2006). As musicalidades das rodas de capoeira (s): diálogos interculturais, campo e atuação de educadores. Retrieved from <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89465>
- Rego, W. (1968). *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Brasil: Editôra Itapuã.
- Reis, L. V. S. (2000). *O mundo de pernas para o ar: A Capoeira no Brasil*. São Paulo, SP: Brasil.
- Rosa, S., Campos, R., & Schomburg Children’s Collection. (2004). *Capoeira*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Santos, G. D. O., & Palhares, L. R. (2010). A CAPOEIRA NA FORMAÇÃO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Pensar a Prática*, 13(3). <https://doi.org/10.5216/rpp.v13i3.9076>
- Silva, A. M., & Damiani, I. R. (2005). *Práticas corporais*. Florianópolis: Nauembla ciência & arte.
- Silva, O. F. da, & Barbosa, E. (2005). *A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha*. Belo Horizonte, MG: Editora Cordel de Minas.
- Vassallo, S. P. (2009). O registro da capoeira como patrimônio imaterial: novos desafios simbólicos e políticos. Retrieved from <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewArticle/977>
- Vieira, L. R., & Assunção, M. R. (1998). Mitos, controvérsias e fatos: construindo a historia da capoeira. *Revista de Estudos Afro-Asiaticos*, pp. 81–121.

Anexos

ANEXO 1. PROPOSTA DE SOUZA E DE OLIVEIRA (2008) PARA UM PROGRAMA DE ENSINO DE CAPOEIRA PARA O ENSINO BÁSICO (1º CICLO), DOS 6 AOS 10 ANOS.	II
--	----

Anexo 1. Proposta de Souza e de Oliveira (2008) para um programa de ensino de Capoeira para o Ensino básico (1o ciclo), dos 6 aos 10 anos.

Fundamentos Técnicos	1.º Ano	2.º Ano	3.º Ano	4.º Ano
BASICOS				
Ginga				
-Espelhada	X			
-Trocada		X		
-Base da ginga			X	
-Paralela				X
DEFENSIVOS				
Cocorinha	X			
Queda de quatro	X			
Esquivas				
-Paralela		X		
-Lateral			X	
-Costa				X
-Negativa com rolê	X			
-Troca da negativa com rolê				X
OFENSIVOS				
Giratórios				
-Meia lua de frente	X			
-Meia lua de compasso				
-Com as duas mãos		X		
-Armada	X			
-Queixada direta	X			
-Queixada			X	
-Parafuso				
-Simples				X
Diretos				
-Chapa			X	
-Martelo				
-Simples			X	
-Sobre passo				X
ACROBÁTICOS				
Aú				
Simples	X			
Com uma das mãos		X		
Agulha			X	
Com rolê				X
Com cabeça no chão				X
Ponte				
Base da ponte	X			
Macaco				
Base do macaco	X			
Cócoras	X			
De cima			X	
Bananeirinha		X		
Canivete (Beija-flor)				X
Parada de cabeça				
-Com auxílio	X			
-Sem auxílio			X	
Parada de mão				
-Com auxílio		X		
-Sem auxílio				X
DESEQUILIBRANTES				
Rasteira				
Da perna de trás				X
INSTRUMENTAIS/RITMICOS				
Toques				
Berimbau				
-São Bento Grande de Angola	X			
-Angola		X		
-São Bento Pequeno de Angola			X	
-Cavalaria				X
Pandeiro				
-Capoeira	X			
Atabaque				
-Capoeira			X	

Anexo 2. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon: Comparação entre condições individual e em pares do movimento da cabeça, na habilidade motora fundamental Ginga.

Postos

		N	Posto Médio	Soma de Postos
Par_Ini_Mean_Rel_Pos	-Postos Negativos	9 ^a	7,78	70,00
Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	Postos Positivos	3 ^b	2,67	8,00
	Empates	0 ^c		
	Total	12		
Par_Ini_SD_Rel_Pos	-Postos Negativos	9 ^d	7,78	70,00
Ind_Ini_SD_Rel_Pos	Postos Positivos	3 ^e	2,67	8,00
	Empates	0 ^f		
	Total	12		
Par_Ini_Range_Rel_Pos	-Postos Negativos	10 ^g	7,10	71,00
Ind_Ini_Range_Rel_Pos	Postos Positivos	2 ^h	3,50	7,00
	Empates	0 ⁱ		
	Total	12		
Par_Ini_Complete_Cycle_Time	-Postos Negativos	10 ^m	7,50	75,00
Ind_Ini_Complete_Cycle_Time	Postos Positivos	2 ⁿ	1,50	3,00
	Empates	0 ^o		
	Total	12		
Par_Fin_Mean_Rel_Pos	-Postos Negativos	3 ^v	4,00	12,00
Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	Postos Positivos	3 ^w	3,00	9,00
	Empates	0 ^x		
	Total	6		
Par_Fin_SD_Rel_Pos	-Postos Negativos	3 ^y	3,67	11,00
Ind_Fin_SD_Rel_Pos	Postos Positivos	3 ^z	3,33	10,00
	Empates	0 ^{aa}		
	Total	6		
Par_Fin_Range_Rel_Pos	-Postos Negativos	2 ^{ab}	5,00	10,00
Ind_Fin_Range_Rel_Pos	Postos Positivos	4 ^{ac}	2,75	11,00
	Empates	0 ^{ad}		
	Total	6		
Par_Fin_Complete_Cycle_Time	-Postos Negativos	4 ^{ah}	4,50	18,00
Ind_Fin_Complete_Cycle_Time	Postos Positivos	2 ^{ai}	1,50	3,00
	Empates	0 ^{aj}		
	Total	6		
Par_Fin_Partial_Cycle_Time	-Postos Negativos	3 ^{ak}	3,33	10,00
Ind_Fin_Partial_Cycle_Time	Postos Positivos	3 ^{al}	3,67	11,00
	Empates	0 ^{am}		
	Total	6		

- a. Par_Ini_Mean_Rel_Pos < Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
b. Par_Ini_Mean_Rel_Pos > Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
c. Par_Ini_Mean_Rel_Pos = Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
d. Par_Ini_SD_Rel_Pos < Ind_Ini_SD_Rel_Pos
e. Par_Ini_SD_Rel_Pos > Ind_Ini_SD_Rel_Pos
f. Par_Ini_SD_Rel_Pos = Ind_Ini_SD_Rel_Pos
g. Par_Ini_Range_Rel_Pos < Ind_Ini_Range_Rel_Pos
h. Par_Ini_Range_Rel_Pos > Ind_Ini_Range_Rel_Pos
i. Par_Ini_Range_Rel_Pos = Ind_Ini_Range_Rel_Pos
m. Par_Ini_Complete_Cycle_Time < Ind_Ini_Complete_Cycle_Time
n. Par_Ini_Complete_Cycle_Time > Ind_Ini_Complete_Cycle_Time
o. Par_Ini_Complete_Cycle_Time = Ind_Ini_Complete_Cycle_Time
v. Par_Fin_Mean_Rel_Pos < Ind_Fin_Mean_Rel_Pos
w. Par_Fin_Mean_Rel_Pos > Ind_Fin_Mean_Rel_Pos
x. Par_Fin_Mean_Rel_Pos = Ind_Fin_Mean_Rel_Pos
y. Par_Fin_SD_Rel_Pos < Ind_Fin_SD_Rel_Pos
z. Par_Fin_SD_Rel_Pos > Ind_Fin_SD_Rel_Pos
aa. Par_Fin_SD_Rel_Pos = Ind_Fin_SD_Rel_Pos
ab. Par_Fin_Range_Rel_Pos < Ind_Fin_Range_Rel_Pos
ac. Par_Fin_Range_Rel_Pos > Ind_Fin_Range_Rel_Pos
ad. Par_Fin_Range_Rel_Pos = Ind_Fin_Range_Rel_Pos
ah. Par_Fin_Complete_Cycle_Time < Ind_Fin_Complete_Cycle_Time

- ai. Par_Fin_Complete_Cycle_Time > Ind_Fin_Complete_Cycle_Time
 aj. Par_Fin_Complete_Cycle_Time = Ind_Fin_Complete_Cycle_Time
 ak. Par_Fin_Partial_Cycle_Time < Ind_Fin_Partial_Cycle_Time
 al. Par_Fin_Partial_Cycle_Time > Ind_Fin_Partial_Cycle_Time
 am. Par_Fin_Partial_Cycle_Time = Ind_Fin_Partial_Cycle_Time

Estatísticas de teste^a

	Par_Ini_Mean_Rel_Pos	Par_Ini_SD_Rel_Pos	Par_Ini_Range_Rel_Pos	Par_Ini_Complete_Cycle_Time						
Z	-2,432	-2,432	-2,510	-2,824						
Significância Assint. (Bilateral)	,015	,015	,012	,005						

Estatísticas de teste^a

	Par_Ini_Partial_Cycle_Time	Par_Fin_Mean_Rel_Pos	Par_Fin_SD_Rel_Pos	Par_Fin_Range_Rel_Pos		
Z	-2,667	-,314	-,105	-,105		
Significância Assint. (Bilateral)	,008	,753	,917	,917		

Estatísticas de teste^a

	Par_Fin_Complete_Cycle_Time	Par_Fin_Partial_Cycle_Time
Z	-1,572	-,105
Significância Assint. (Bilateral)	,116	,917

a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

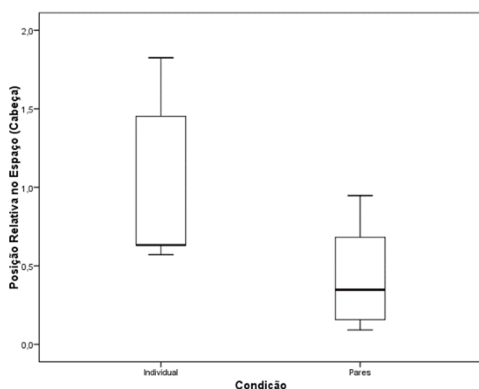
Condição		
Individual: Posição	Relativa	Média
Média		,94593
		Mediana
		,63250
		Desvio Padrão
		,492084
		Mínimo
		,571
		Máximo
		1,824
		Amplitude interquartil
		,911
Condição Pares: Posição	Relativa	Média
Média		,40214
		Mediana
		,34771
		Desvio Padrão
		,287109
		Mínimo
		,091
		Máximo
		,947
		Amplitude interquartil
		,530

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	,396	12	,000	,700	12	,001
Par_Ini_Mean_Rel_Pos	,167	12	,200*	,895	12	,135

*. Este é um limite inferior da significância verdadeira.

a. Correlação de Significância de Lilliefors



Resumo de processamento de casos

	Casos				
	Válido		Omisso		Total
	N	Porcentagem	N	Porcentagem	N
Ind_Ini_SD_Rel_Pos	12	100,0%	0	0,0%	12
Par_Ini_SD_Rel_Pos	12	100,0%	0	0,0%	12

Resumo de processamento de casos

	Casos
	Total
	Porcentagem
Ind_Ini_SD_Rel_Pos	100,0%
Par_Ini_SD_Rel_Pos	100,0%

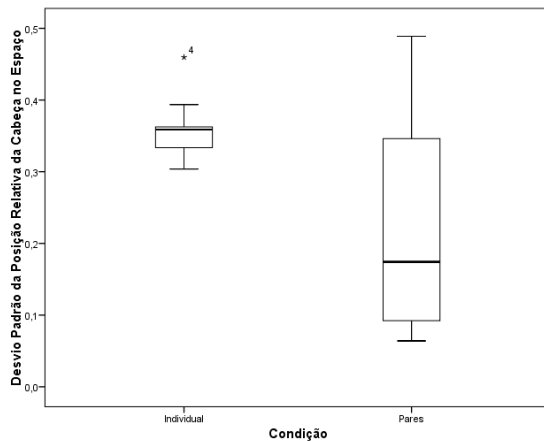
Estatística Descritiva: Desvio Padrão da Posição Relativa da Cabeça no Espaço

		Estatística
Individual	Média	,35733
	Mediana	,35876
	Desvio Padrão	,041635
	Mínimo	,304
	Máximo	,460
	Amplitude	,156
	Amplitude interquartil	,037
Pares	Média	,20993
	Mediana	,17430
	Desvio Padrão	,147202
	Mínimo	,064
	Máximo	,489
	Amplitude	,425
	Amplitude interquartil	,267

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
Ind_Ini_SD_Rel_Pos	,248	12	,040	,858	12	,046
Par_Ini_SD_Rel_Pos	,250	12	,037	,864	12	,055

a. Correlação de Significância de Lilliefors



Anexo 3. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon para comparação entre condições, no início e no fim da intervenção, na variável desvio padrão da cabeça.

Postos

		N	Posto Médio	Soma de Postos
Ind_Fin_SD_Rel_Pos	-Postos Negativos	6 ^a	3,50	21,00
Ind_Ini_SD_Rel_Pos	Postos Positivos	0 ^b	,00	,00
	Empates	0 ^c		
	Total	6		
Par_Fin_SD_Rel_Pos	-Postos Negativos	2 ^d	3,50	7,00
Par_Ini_SD_Rel_Pos	Postos Positivos	4 ^e	3,50	14,00
	Empates	0 ^f		
	Total	6		

- a. Ind_Fin_SD_Rel_Pos < Ind_Ini_SD_Rel_Pos
- b. Ind_Fin_SD_Rel_Pos > Ind_Ini_SD_Rel_Pos
- c. Ind_Fin_SD_Rel_Pos = Ind_Ini_SD_Rel_Pos
- d. Par_Fin_SD_Rel_Pos < Par_Ini_SD_Rel_Pos
- e. Par_Fin_SD_Rel_Pos > Par_Ini_SD_Rel_Pos
- f. Par_Fin_SD_Rel_Pos = Par_Ini_SD_Rel_Pos

Estatísticas de teste^a

	Ind_Fin_SD_Rel_Pos	Par_Fin_SD_Rel_Pos
	Ind_Ini_SD_Rel_Pos	Par_Ini_SD_Rel_Pos
Z	-2,201 ^b	-,738 ^c
Significância Assint. (Bilateral)	,028	,461

- a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- b. Com base em postos positivos.
- c. Com base em postos negativos.

Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

Postos

		N	Posto Médio	Soma de Postos
Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	-Postos Negativos	5 ^a	3,20	16,00
Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	Postos Positivos	1 ^b	5,00	5,00
	Empates	0 ^c		
	Total	6		
Par_Fin_Mean_Rel_Pos	-Postos Negativos	2 ^d	4,00	8,00
Par_Ini_Mean_Rel_Pos	Postos Positivos	4 ^e	3,25	13,00
	Empates	0 ^f		
	Total	6		

- a. Ind_Fin_Mean_Rel_Pos < Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
- b. Ind_Fin_Mean_Rel_Pos > Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
- c. Ind_Fin_Mean_Rel_Pos = Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
- d. Par_Fin_Mean_Rel_Pos < Par_Ini_Mean_Rel_Pos
- e. Par_Fin_Mean_Rel_Pos > Par_Ini_Mean_Rel_Pos
- f. Par_Fin_Mean_Rel_Pos = Par_Ini_Mean_Rel_Pos

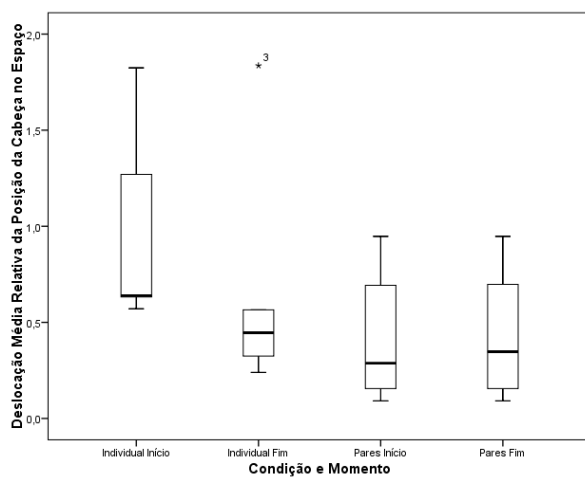
Estatísticas de teste^{a,c}

	Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	Ind_Ini_Mean_Rel_Pos
Z	-1,153 ^b	
Significância Assint. (Bilateral)	,249	
Sig. Monte Carlo (bilateral)	,315	
Intervalo de Confiança 99% Limite inferior	,303	
Limite superior	,326	
Sig. Monte Carlo (unilateral)	,160	
Intervalo de Confiança 99% Limite inferior	,151	
Limite superior	,170	

Estatísticas de teste^{a,c}

	Par_Fin_Mean_Rel_Pos	Par_Ini_Mean_Rel_Pos
Z	-,527 ^d	
Significância Assint. (Bilateral)	,598	
Sig. Monte Carlo (bilateral)	,700	
Intervalo de Confiança 99% Limite inferior	,688	
Limite superior	,712	
Sig. Monte Carlo (unilateral)	,344	
Intervalo de Confiança 99% Limite inferior	,332	
Limite superior	,357	

- a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- b. Com base em postos positivos.
- c. Baseado em 10000 tabelas de amostra com a semente inicial 303130861.
- d. Com base em postos negativos.



Anexo 4. Matriz de Correlações entre momentos e condições para a deslocação média relativa da cabeça.

Correlações

			Ind_Ini_Mean_Rel_Pos			
rô de Spearman	Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	1,000			
		Sig. (bilateral)				
		N	12			
		Ind_Fin_Mean_Rel_Pos				
	Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,203			
		Sig. (bilateral)	,700			
		N	6			
		Par_Ini_Mean_Rel_Pos				
	Par_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,241			
		Sig. (bilateral)	,451			
		N	12			
		Par_Fin_Mean_Rel_Pos				
	Par_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,232			
		Sig. (bilateral)	,658			
		N	6			

Correlações

			Ind_Fin_Mean_Rel_Pos			
rô de Spearman	Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,203			
		Sig. (bilateral)	,700			
		N	6			
		Ind_Fin_Mean_Rel_Pos				
	Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	1,000			
		Sig. (bilateral)	,			
		N	6			
		Par_Ini_Mean_Rel_Pos				
	Par_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,543			
		Sig. (bilateral)	,266			
		N	6			
		Par_Fin_Mean_Rel_Pos				
	Par_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,714			
		Sig. (bilateral)	,111			
		N	6			

Correlações

			Par_Ini_Mean_Rel_Pos			
rô de Spearman	Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,241			
		Sig. (bilateral)	,451			
		N	12			
		Ind_Fin_Mean_Rel_Pos				
	Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,543			
		Sig. (bilateral)	,266			
		N	6			
		Par_Ini_Mean_Rel_Pos				
	Par_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	1,000			
		Sig. (bilateral)	,			
		N	12			
		Par_Fin_Mean_Rel_Pos				
	Par_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	,714			
		Sig. (bilateral)	,111			
		N	6			

Correlações

			Par_Fin_Mean_Rel_Pos			
rô de Spearman	Ind_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	-,232			

	Sig. (bilateral)	,658
	N	6
Ind_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	,714
	Sig. (bilateral)	,111
	N	6
Par_Ini_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	,714
	Sig. (bilateral)	,111
	N	6
Par_Fin_Mean_Rel_Pos	Coefficiente de Correlação	1,000
	Sig. (bilateral)	.
	N	6

Anexo 5. Caracterização da amostra

gender

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	boy	8	53,3	53,3	53,3
	girl	7	46,7	46,7	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

origin

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	SCP	9	60,0	60,0	60,0
	1.º Maio	6	40,0	40,0	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

Estatísticas Descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
age (years)	15	6	10	8,00	1,195
presences (number of sessions)	15	26	30	29,33	1,291
N válido (listwise)	15				

Anexo 6. Comparação entre origens, entre idades, entre géneros, e para número de presenças (Teste Mann-Whitney)

Postos

	origin	N	Posto Médio	Soma de Postos
age (years)	SCP	9	8,06	72,50
	1.º Maio	6	7,92	47,50
	Total	15		
presences (number of sessions)	SCP	9	6,67	60,00
	1.º Maio	6	10,00	60,00
	Total	15		

Estatísticas de teste^a

	age (years)	presences (number of sessions)
U de Mann-Whitney	26,500	15,000
Wilcoxon W	47,500	60,000
Z	-,061	-1,815
Significância Assint. (Bilateral)	,951	,070
Sig exata [2*(Sig. de unilaterial)]	,955 ^b	,181 ^b

a. Variável de Agrupamento: origin

b. Não corrigido para empates.

Comparação entre origens do género (Teste Exato de Fisher)

Tabulação cruzada gender * origin

Contagem

		origin SCP	1.º Maio	Total
gender	boy	4	4	8
	girl	5	2	7
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,714 ^a	1	,398		
Correção de continuidade ^b	,100	1	,751		
Razão de verossimilhança	,724	1	,395		
Teste Exato de Fisher				,608	,378
Associação Linear por Linear	,667	1	,414		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 4 células (100,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,80.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Comparação entre género e entre origens de qualidade de execução das técnicas, no início e no final do programa (Teste Exato de Fisher)

Advertências

A tabulação cruzada de Negative at the end * gender está vazia.

A tabulação cruzada de Negative at the end * origin está vazia.

Ginga at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Ginga at the start	unsuccessfully	5	7	12
	successfully	3	0	3
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	3,281 ^a	1	,070		
Correção de continuidade ^b	1,356	1	,244		
Razão de verossimilhança	4,427	1	,035		
Teste Exato de Fisher				,200	,123
Associação Linear por Linear	3,063	1	,080		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 2 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,40.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Ginga at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin SCP	1.º Maio	Total
Ginga at the start	unsuccessfully	8	4	12
	successfully	1	2	3
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	1,111 ^a	1	,292		
Correção de continuidade ^b	,156	1	,693		
Razão de verossimilhança	1,095	1	,295		
Teste Exato de Fisher				,525	,341
Associação Linear por Linear	1,037	1	,309		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 3 células (75,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,20.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Ginga at the end * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Ginga at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Ginga at the end é um constante.

Ginga at the end * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Ginga at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Ginga at the end é um constante.

Cocorinha at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Cocorinha at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the start é um constante.

Cocorinha at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin		
		SCP	1.º Maio	Total
Cocorinha at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the start é um constante.

Cocorinha at the end * gender

Crosstab

Contagem

		gender		
		boy	girl	Total
Cocorinha at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the end é um constante.

Cocorinha at the end * origin

Crosstab

Contagem

		origin		
		SCP	1.º Maio	Total
Cocorinha at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the end é um constante.

Negative at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		
		boy	girl	Total
Negative at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Negative at the start é um constante.

Negative at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin SCP	1.º Maio	Total
Negative at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Negative at the start é um constante.

Aú at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Aú at the start	unsuccessfully	3	3	6
	successfully	5	4	9
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,045 ^a	1	,833		
Correção de continuidade ^b	,000	1	1,000		
Razão de verossimilhança	,045	1	,833		
Teste Exato de Fisher				1,000	,622
Associação Linear por Linear	,042	1	,838		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 4 células (100,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,80.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Aú at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin SCP	1.º Maio	Total
Aú at the start	unsuccessfully	3	3	6
	successfully	6	3	9
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,417 ^a	1	,519		
Correção de continuidade ^b	,012	1	,914		
Razão de verossimilhança	,415	1	,519		
Teste Exato de Fisher				,622	,455
Associação Linear por Linear	,389	1	,533		

Nº de Casos Válidos	15				
---------------------	----	--	--	--	--

- a. 3 células (75,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,40.
b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Aú at the end * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Aú at the end	Successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

- a. Nenhuma estatística foi calculada porque Aú at the end é um constante.

Aú at the end * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Aú at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

- a. Nenhuma estatística foi calculada porque Aú at the end é um constante.

Half Moon Front at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Half Moon Front at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

- a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the start é um constante.

Half Moon Front at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Half Moon Front at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the start é um constante.

Half Moon Front at the end * gender**Crosstab**

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Half Moon Front at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the end é um constante.

Half Moon Front at the end * origin**Crosstab**

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Half Moon Front at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the end é um constante.

Jaw (Queixada) at the start * gender**Crosstab**

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Jaw (Queixada) at the start	unsuccessfully	6	7	13
	successfully	2	0	2
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	2,019 ^a	1	,155		
Correção de continuidade ^b	,435	1	,509		
Razão de verossimilhança	2,783	1	,095		
Teste Exato de Fisher				,467	,267
Associação Linear por Linear	1,885	1	,170		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 2 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,93.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Jaw (Queixada) at the start * origin**Crosstab**

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Jaw (Queixada) at the start	unsuccessfully	9	4	13
	successfully	0	2	2
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	3,462 ^a	1	,063		
Correção de continuidade ^b	1,178	1	,278		
Razão de verossimilhança	4,142	1	,042		
Teste Exato de Fisher				,143	,143
Associação Linear por Linear	3,231	1	,072		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 2 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,80.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Jaw (Queixada) at the end * gender**Crosstab**

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Jaw (Queixada) at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Jaw (Queixada) at the end é um constante.

Jaw (Queixada) at the end * origin**Crosstab**

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Jaw (Queixada) at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Jaw (Queixada) at the end é um constante.

Hammer at the start * gender

Crosstab
Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Hammer at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Hammer at the start é um constante.

Hammer at the start * origin

Crosstab
Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Hammer at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Hammer at the start é um constante.

Hammer at the end * gender

Crosstab
Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Hammer at the end	unsuccessfully	5	2	7
	successfully	3	5	8
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	1,727 ^a	1	,189		
Correção de continuidade ^b	,633	1	,426		
Razão de verossimilhança	1,767	1	,184		
Teste Exato de Fisher				,315	,214
Associação Linear por Linear	1,612	1	,204		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 4 células (100,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 3,27.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Hammer at the end * origin

Crosstab
Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Hammer at the end	unsuccessfully	5	2	7
	successfully	4	4	8

Total	9	6	15
-------	---	---	----

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,714 ^a	1	,398		
Correção de continuidade ^b	,100	1	,751		
Razão de verossimilhança	,724	1	,395		
Teste Exato de Fisher				,608	,378
Associação Linear por Linear	,667	1	,414		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 4 células (100,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,80.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Godeme at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Godeme at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the start é um constante.

Godeme at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Godeme at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the start é um constante.

Godeme at the end * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Godeme at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the end é um constante.

Godeme at the end * origin

Crosstab

Contagem

		origin		
		SCP	1.º Maio	Total
Godeme at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the end é um constante.

Arpaú at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		
		boy	girl	Total
Arpaú at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Arpaú at the start é um constante.

Arpaú at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin		
		SCP	1.º Maio	Total
Arpaú at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Arpaú at the start é um constante.

Arpaú at the end * gender

Crosstab

Contagem

		gender	Total
--	--	--------	-------

		boy	girl	
Arpaú at the end	unsuccessfully	2	1	3
	successfully	6	6	12
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,268 ^a	1	,605		
Correção de continuidade ^b	,000	1	1,000		
Razão de verossimilhança	,273	1	,601		
Teste Exato de Fisher				1,000	,554
Associação Linear por Linear	,250	1	,617		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 2 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,40.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Arpaú at the end * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Arpaú at the end	unsuccessfully	2	1	3
	successfully	7	5	12
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,069 ^a	1	,792		
Correção de continuidade ^b	,000	1	1,000		
Razão de verossimilhança	,071	1	,790		
Teste Exato de Fisher				1,000	,659
Associação Linear por Linear	,065	1	,799		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 3 células (75,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,20.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Half Moon Compasses at the start * gender

Crosstab

Contagem

	gender		Total	
	boy	girl		
Half Moon Compasses at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	, ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Compasses at the start é um constante.

Half Moon Compasses at the start * origin

Crosstab
Contagem

	origin SCP	1.º Maio	Total
Half Moon Compasses at the start unsuccessfully	9	6	15
Total	9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Compasses at the start é um constante.

Half Moon Compasses at the end * gender

Crosstab
Contagem

	gender boy	girl	Total
Half Moon Compasses at the end unsuccessfully	4	3	7
successfully	4	4	8
Total	8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,077 ^a	1	,782		
Correção de continuidade ^b	,000	1	1,000		
Razão de verossimilhança	,077	1	,782		
Teste Exato de Fisher				1,000	,595
Associação Linear por Linear	,071	1	,789		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 4 células (100,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 3,27.
b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Half Moon Compasses at the end * origin

Crosstab
Contagem

	origin SCP	1.º Maio	Total
Half Moon Compasses at the end unsuccessfully	4	3	7
successfully	5	3	8
Total	9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor	gl	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)
Qui-quadrado de Pearson	,045 ^a	1	,833		
Correção de continuidade ^b	,000	1	1,000		
Razão de verossimilhança	,045	1	,833		
Teste Exato de Fisher				1,000	,622
Associação Linear por Linear	,042	1	,838		
Nº de Casos Válidos	15				

a. 4 células (100,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,80.
b. Computado apenas para uma tabela 2x2

Armada at the start * gender

Crosstab
Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Armada at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the start é um constante.

Armada at the start * origin

Crosstab
Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Armada at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the start é um constante.

Armada at the end * gender

Crosstab
Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Armada at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the end é um constante.

Armada at the end * origin

Crosstab
Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Armada at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the end é um constante.

Blessing at the start * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Blessing at the start	unsuccessfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the start é um constante.

Blessing at the start * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Blessing at the start	unsuccessfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the start é um constante.

Blessing at the end * gender

Crosstab

Contagem

		gender		Total
		boy	girl	
Blessing at the end	successfully	8	7	15
Total		8	7	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a
Nº de Casos Válidos	15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the end é um constante.

Blessing at the end * origin

Crosstab

Contagem

		origin		Total
		SCP	1.º Maio	
Blessing at the end	successfully	9	6	15
Total		9	6	15

Testes qui-quadrado

	Valor
Qui-quadrado de Pearson	. ^a

Nº de Casos Válidos	15
---------------------	----

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the end é um constante.

Comparação entre idades, e entre número de presenças, por técnica, no início e no final do programa (Eta e Coeficiente de Contingência)

Advertências

A tabulação cruzada de Negative at the end * age (years) está vazia.

A tabulação cruzada de Negative at the end * presences (number of sessions) está vazia.

Ginga at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Ginga at the start	unsuccessfully	1	3	4	4	0
	successfully	1	0	0	1	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Ginga at the start	unsuccessfully	12
	successfully	3
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Ginga at the start Dependente	,677
		age (years) Dependente	,144

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	,561	,143
Nº de Casos Válidos		15	

Ginga at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Ginga at the start	unsuccessfully	1	1	0	1	9
	successfully	0	0	1	0	2
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Ginga at the start	unsuccessfully	12
	successfully	3
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Ginga at the start Dependent presences (number of sessions) Dependent	Valor
			,564

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	Valor	Significância Aproximada
		,491	,311
Nº de Casos Válidos		15	

Ginga at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Ginga at the end	successfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Ginga at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	Valor
			. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Ginga at the end é um constante.

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	Valor
		. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Ginga at the end é um constante.

Ginga at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Ginga at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Ginga at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

Valor

Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a
------------------------	-----	-----------	----------------

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Ginga at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Ginga at the end é um constante.

Cocorinha at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Cocorinha at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Cocorinha at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

		Valor	
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the start é um constante.

Cocorinha at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Cocorinha at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Cocorinha at the start	unsuccessfully	15

Total	15
-------	----

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	Valor
			. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the start é um constante.

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	Valor
		. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the start é um constante.

Cocorinha at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Cocorinha at the end	successfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Cocorinha at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	Valor
			. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the end é um constante.

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	Valor
		. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the end é um constante.

Cocorinha at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Cocorinha at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

Total

Cocorinha at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Cocorinha at the end é um constante.

Negative at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Negative at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Negative at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Negative at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Negative at the start é um constante.

Negative at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Negative at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Negative at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Negative at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Negative at the start é um constante.

Aú at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)					Total
		6	7	8	9	10	
Aú at the start	unsuccessfully	1	0	1	3	1	6
	successfully	1	3	3	2	0	9
Total		2	3	4	5	1	15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Aú at the start Dependente	,565
		age (years) Dependente	,354

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,492	,309
Nº de Casos Válidos		15	

Aú at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)					Total
		26	27	28	29	30	
Aú at the start	unsuccessfully	0	0	0	1	5	6
	successfully	1	1	1	0	6	9
Total		1	1	1	1	11	15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Aú at the start Dependente	,492
		presences (number of sessions) Dependente	,327

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,442	,457
Nº de Casos Válidos		15	

Aú at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)					Total
		6	7	8	9	10	
Aú at the end	successfully	2	3	4	5	1	15
Total		2	3	4	5	1	15

Medidas Direcionais

		Valor	
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Aú at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Aú at the end é um constante.

Aú at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)					Total
		26	27	28	29	30	
Aú at the end	successfully	1	1	1	1	11	15
Total		1	1	1	1	11	15

Medidas Direcionais

		Valor	
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Aú at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Aú at the end é um constante.

Half Moon Front at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)					Total
		6	7	8	9	10	
Half Moon Front at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1	
Total		2	3	4	5	1	

Crosstab
Contagem

		Total
Half Moon Front at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the start é um constante.

Half Moon Front at the start * presences (number of sessions)

Crosstab
Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Half Moon Front at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab
Contagem

		Total
Half Moon Front at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the start é um constante.

Half Moon Front at the end * age (years)

Crosstab
Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Half Moon Front at the end	successfully	2	3	4	5	1

Total	2	3	4	5	1
-------	---	---	---	---	---

Crosstab
Contagem

Half Moon Front at the end	successfully	Total
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	Valor
			. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the end é um constante.

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	Valor
Nº de Casos Válidos		. ^a
		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the end é um constante.

Half Moon Front at the end * presences (number of sessions)

Crosstab
Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Half Moon Front at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab
Contagem

Half Moon Front at the end	successfully	Total
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	Valor
			. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the end é um constante.

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	Valor
Nº de Casos Válidos		. ^a
		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Front at the end é um constante.

Jaw (Queixada) at the start * age (years)

Crosstab
Contagem

age (years)

		6	7	8	9	10
Jaw (Queixada) at the start	unsuccessfully	1	2	4	5	1
	successfully	1	1	0	0	0
Total		2	3	4	5	1

Crosstab
Contagem

		Total
Jaw (Queixada) at the start	unsuccessfully	13
	successfully	2
Total		15

Medidas Direcionais

		Valor
Nominais por intervalo	Eta	Jaw (Queixada) at the start,572
		Dependente
		age (years) Dependente,510

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,496	,297
Nº de Casos Válidos		15	

Jaw (Queixada) at the start * presences (number of sessions)

Crosstab
Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Jaw (Queixada) at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	9
	successfully	0	0	0	0	2
Total		1	1	1	1	11

Crosstab
Contagem

		Total
Jaw (Queixada) at the start	unsuccessfully	13
	successfully	2
Total		15

Medidas Direcionais

		Valor
Nominais por intervalo	Eta	Jaw (Queixada) at the start,237
		Dependente
		presences (number of sessions),210
		Dependente

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,230	,933
Nº de Casos Válidos		15	

Jaw (Queixada) at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Jaw (Queixada) at the end	successfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Jaw (Queixada) at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Jaw (Queixada) at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Jaw (Queixada) at the end é um constante.

Jaw (Queixada) at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Jaw (Queixada) at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Jaw (Queixada) at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Jaw (Queixada) at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Jaw (Queixada) at the end é um constante.

Hammer at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Hammer at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Hammer at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Hammer at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Hammer at the start é um constante.

Hammer at the start * presences (number of sessions)**Crosstab**

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Hammer at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Hammer at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Hammer at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Hammer at the start é um constante.

Hammer at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Hammer at the end	unsuccessfully	2	2	1	2	0
	successfully	0	1	3	3	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Hammer at the end	unsuccessfully	7
	successfully	8
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Hammer at the end Dependente	,547
		age (years) Dependente	,463

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	,480	,344
Nº de Casos Válidos		15	

Hammer at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Hammer at the end	unsuccessfully	1	0	1	0	5
	successfully	0	1	0	1	6
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Hammer at the end	unsuccessfully	7
	successfully	8
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Hammer at the end Dependente	,519
		presences (number of sessions), Dependente	,143

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	,461	,400
Nº de Casos Válidos		15	

Godeme at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Godeme at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Godeme at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the start é um constante.

Godeme at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Godeme at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Godeme at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the start é um constante.

Godeme at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Godeme at the end	successfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Godeme at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the end é um constante.

Godeme at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Godeme at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Godeme at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Godeme at the end é um constante.

Arpaú at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Arpaú at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Arpaú at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Arpaú at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Arpaú at the start é um constante.

Arpaú at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Arpaú at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Arpaú at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Arpaú at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Arpaú at the start é um constante.

Arpaú at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Arpaú at the end	unsuccessfully	1	0	0	2	0
	successfully	1	3	4	3	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Arpaú at the end	unsuccessfully	3
	successfully	12
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Arpaú at the end Dependente	,540
		age (years) Dependente	,000

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,475	,358
Nº de Casos Válidos		15	

Arpaú at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Arpaú at the end	unsuccessfully	0	0	0	1	2
	successfully	1	1	1	0	9
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Arpaú at the end	unsuccessfully	3
	successfully	12
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Arpaú at the end Dependente	,564
		presences (number of sessions) Dependente	,134

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada

Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,491	,311
Nº de Casos Válidos		15	

Half Moon Compasses at the start * age (years)

Crosstab
Contagem

	age (years)				
	6	7	8	9	10
Half Moon Compasses at the startunsuccessfully	2	3	4	5	1
Total	2	3	4	5	1

Crosstab
Contagem

		Total
Half Moon Compasses at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Compasses at the start é um constante.

Medidas Simétricas

			Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência		. ^a
Nº de Casos Válidos			15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Compasses at the start é um constante.

Half Moon Compasses at the start * presences (number of sessions)

Crosstab
Contagem

	presences (number of sessions)				
	26	27	28	29	30
Half Moon Compasses at the startunsuccessfully	1	1	1	1	11
Total	1	1	1	1	11

Crosstab
Contagem

		Total
Half Moon Compasses at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Compasses at the start é um constante.

Medidas Simétricas

			Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência		. ^a

Nº de Casos Válidos	15
---------------------	----

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Half Moon Compasses at the start é um constante.

Half Moon Compasses at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

	age (years)				
	6	7	8	9	10
Half Moon Compasses at the end unsuccessfully	1	2	1	2	1
successfully	1	1	3	3	0
Total	2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Half Moon Compasses at the end	unsuccessfully	7
	successfully	8
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Half Moon Compasses at the end, Dependente	Valor
		age (years) Dependente	,406 ,000

Medidas Simétricas

Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	Valor	Significância Aproximada
		,377	,649
Nº de Casos Válidos		15	

Half Moon Compasses at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

	presences (number of sessions)				
	26	27	28	29	30
Half Moon Compasses at the end unsuccessfully	0	1	0	0	6
successfully	1	0	1	1	5
Total	1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Half Moon Compasses at the end	unsuccessfully	7
	successfully	8
Total		15

Medidas Direcionais

Nominais por intervalo	Eta	Half Moon Compasses at the end, Dependente	Valor
		presences (number of sessions), Dependente	,519 ,179

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	,461	,400
Nº de Casos Válidos		15	

Armada at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Armada at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Armada at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the start é um constante.

Armada at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Armada at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Armada at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the start é um constante.

Armada at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Armada at the end	successfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Armada at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the end é um constante.

Armada at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Armada at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Armada at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Armada at the end é um constante.

Blessing at the start * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Blessing at the start	unsuccessfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Blessing at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coeficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the start é um constante.

Blessing at the start * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Blessing at the start	unsuccessfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Blessing at the start	unsuccessfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the start é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the start é um constante.

Blessing at the end * age (years)

Crosstab

Contagem

		age (years)				
		6	7	8	9	10
Blessing at the end	successfully	2	3	4	5	1
Total		2	3	4	5	1

Crosstab

Contagem

		Total
Blessing at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the end é um constante.

Blessing at the end * presences (number of sessions)

Crosstab

Contagem

		presences (number of sessions)				
		26	27	28	29	30
Blessing at the end	successfully	1	1	1	1	11
Total		1	1	1	1	11

Crosstab

Contagem

		Total
Blessing at the end	successfully	15
Total		15

Medidas Direcionais

			Valor
Nominais por intervalo	Eta	Simétrico	. ^a

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the end é um constante.

Medidas Simétricas

		Valor
Nominal por Nominal	Coefficiente de contingência	. ^a
Nº de Casos Válidos		15

a. Nenhuma estatística foi calculada porque Blessing at the end é um constante.

Anexo 7. Comparação da qualidade de execução técnica, entre início e final do programa, por técnica (Teste de McNemar)

Tabulações cruzadas

Ginga at the start & Ginga at the end

Ginga at the start	Ginga at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	12
successfully	0	3

Cocorinha at the start & Cocorinha at the end

Cocorinha at the start	Cocorinha at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	15
successfully	0	0

Aú at the start & Aú at the end

Aú at the start	Aú at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	6
successfully	0	9

Half Moon Front at the start & Half Moon Front at the end

Half Moon Front at the start	Half Moon Front at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	15
successfully	0	0

Jaw (Queixada) at the start & Jaw (Queixada) at the end

Jaw (Queixada) at the start	Jaw (Queixada) at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	13
successfully	0	2

Hammer at the start & Hammer at the end

Hammer at the start	Hammer at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	7	8
successfully	0	0

Godeme at the start & Godeme at the end

Godeme at the start	Godeme at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	15
successfully	0	0

Arpaú at the start & Arpaú at the end

Arpaú at the start	Arpaú at the end	
	unsuccessfully	successfully

unsuccessfully	3	12
successfully	0	0

Half Moon Compasses at the start & Half Moon Compasses at the end

Half Moon Compasses at the start	Half Moon Compasses at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	7	8
successfully	0	0

Armada at the start & Armada at the end

Armada at the start	Armada at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	15
successfully	0	0

Blessing at the start & Blessing at the end

Blessing at the start	Blessing at the end	
	unsuccessfully	successfully
unsuccessfully	0	15
successfully	0	0

Estatísticas de teste^a

	Ginga at the start & Ginga at the end	Cocorinha at the start & Cocorinha at the end	Aú at the start & Aú at the end	Half Moon Front at the start & Half Moon Front at the end
N	15	15	15	15
Sig exata (bilateral)	,000 ^b	,000 ^b	,031 ^b	,000 ^b

Estatísticas de teste^a

	Jaw (Queixada) at the start & Jaw (Queixada) at the end	Hammer at the start & Hammer at the end	Godeme at the start & Godeme at the end	Arpaú at the start & Arpaú at the end
N	15	15	15	15
Sig exata (bilateral)	,000 ^b	,008 ^b	,000 ^b	,000 ^b

Estatísticas de teste^a

	Half Moon Compasses at the start & Half Moon Compasses at the end	Armada at the start & Armada at the end	Blessing at the start & Blessing at the end
N	15	15	15
Sig exata (bilateral)	,008 ^b	,000 ^b	,000 ^b

a. Teste de McNemar

b. Distribuição binomial usada.